



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE CIÊNCIAS SOCIAIS DO ARAGUAIA - TOCANTINS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

JULIANA BARBOSA SINDEAUX

**MULHERES NEGRAS DO BAIRRO “CABELO SECO” (MARABÁ-PA):
ENTRE O SILENCIAMENTO E A (RE)CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E DA
IDENTIDADE NEGRA**

MARABÁ-PA
2017

JULIANA BARBOSA SINDEAUX

**MULHERES NEGRAS DO BAIRRO “CABELO SECO” (MARABÁ-PA):
ENTRE O SILENCIAMENTO E A (RE)CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E DA
IDENTIDADE NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará –
UNIFESSPA para obtenção do Grau de
Licenciatura e Bacharel em Ciências Sociais, do
Campus de Marabá/PA, sob orientação do Prof.º
Me. Janailson Macêdo Luiz.

MARABÁ-PA
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA

Sindeaux, Juliana Barbosa

Mulheres negras do bairro “Cabelo Seco” (Marabá-PA):
entre o silenciamento e a (re)constituição da memória e da
identidade negra / Juliana Barbosa Sindeaux;
orientador, Janailson Macêdo Luiz. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de
Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências
Sociais do Araguaia Tocantins, Curso de Licenciatura e
Bacharelado em Ciências Sociais, Marabá, 2017.

1. Negras – Marabá (PA) - Condições sociais. 2. Negros -
Identidade racial. 3. Etnologia. 4. Negras –Biografia. 5. Memória
autobiográfica. 6. História oral. 7. Relações raciais. I. Luiz,
Janailson Macêdo, orient. II. Universidade Federal do Sul e
Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 305.488036098115

JULIANA BARBOSA SINDEAUX

**MULHERES NEGRAS DO BAIRRO “CABELO SECO” (MARABÁ-PA):
ENTRE O SILENCIAMENTO E A (RE)CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E DA
IDENTIDADE NEGRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) como exigência para obtenção do título de Graduação em Ciências Sociais.

Aprovada em: Marabá - PA 20 de Abril de 2017.

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Me. Janailson Macêdo Luiz (orientador)

Prof^ª. Dr.^a Gisela Macambira Villacorta (membro)

Prof. Dr. Arilson dos Santos Gomes (membro)

Ao meu Deus, sem o qual não teria chegado aqui. Sei o quanto tens me abençoado e protegido em todos os momentos de minha vida. Ao meu Avô Valfredo (*in memoriam*), que foi um pai e que sempre me apoiou. À minha família, que sempre esteve ao meu lado me proporcionado forças para seguir em frente mesmo com todos os problemas. A minha mãe Maria e minha irmã Ana Maria, que estão entre as principais razões que me fazem seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Sempre acreditei que, em cada etapa de minha vida, Deus me proporcionou conviver com pessoas maravilhosas, que contribuíram tanto para meu crescimento pessoal quanto acadêmico. Por isso, tantas são as pessoas a quem tenho a agradecer que este pequeno espaço se torna insuficiente para citar o nome de todas. Mas vamos lá...

Ao meu avô Valfredo (*in memoriam*) por ter acolhido a mim e a minha família. Apesar de não ter chegado a conhecer meu pai, não me sentia totalmente órfã, pois sempre enxerguei no meu avô a figura de um pai. Tenho muito a agradecê-lo por sempre estar ao meu lado, por ter investido em mim o seu tempo e o seu amor. Vô, te amo e sinto muito a sua falta.

Às minhas irmãs Ana Maria e Josiane, por também estarem sempre ao meu lado, e por fazer meus dias mais felizes ao me presentear com sobrinhos/as lindos/as a quem tanto amo. Com vocês aprendi que ser tia é a melhor coisa do mundo.

Às minhas tias e tios (Delfina, Olival, Francisca e Antônio), por fazerem parte da minha vida e estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis. Não sei o que seria da minha vida sem vocês; ou melhor, eu sei: tenho certeza que não teria chegado até aqui. Por isso, obrigada por todos os conselhos e até mesmo pelos puxões de orelha. Muito obrigada por tudo, amo vocês!

As minhas primas Mayara, Mayra, Mayrane e Alessandra. É muito bom saber e ter pessoas que nos incentivem e apoiem ao longo da vida. Saibam que este TCC só está sendo finalizado por causa do apoio de vocês. Saber que posso contar com cada uma de vocês é maravilhoso. Isso me torna uma pessoa mais confiante. Não tenho nem palavras para expressar o que sinto, apenas agradecer por fazerem parte da minha vida, que não seria a mesma sem a presença de vocês.

À minha amiga Jaqueline Dayane, pela companhia e amizade e pela grande ajuda. Saiba que te admiro muito como filha/serva do senhor e como pessoa. Que Deus te proteja sempre!

Ao meu orientador Janailson Macêdo Luiz, por ter aceitado me orientar – Sei que nem sempre essa foi uma tarefa muito fácil!–, e por ter aceitado ficar no N’umbuntu como coordenador. O núcleo não poderia ter ficado em melhores mãos. Foi um prazer ser sua bolsista. Muito obrigada por sua paciência, sua dedicação e, acima de tudo, por sua amizade. Saiba que lhe admiro muito, como profissional e como pessoa. Obrigada por investir seu tempo e seu conhecimento para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Gostaria de agradecer aos professores/as participantes da banca avaliadora deste trabalho, Prof.^a Dr.^a Gisela Macambira Villacorta e Prof. Dr. Arilson dos Santos Gomes por terem aceitado participar deste momento importante da minha vida acadêmica. Desde já agradeço pelas contribuições e críticas que permitirão um melhor entendimento do tema aqui analisado.

Ao professor Ivan Costa Lima, que foi uma das pessoas que abriu as portas da universidade e das vivências em viagens que ela me proporcionou. Agradeço pela oportunidade que tive de ser bolsista do N'umbuntu. Sou muito grata por tudo. E muito obrigada por sua amizade ao longo desses anos. Continue sendo sempre essa pessoa humilde e dedicada.

Ao Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação (N'UMBUNTU). Participar deste núcleo me possibilitou vivenciar momentos que jamais irei esquecer e que nunca havia pensado que iria ter oportunidade de vivenciar. Sou grata por todo conhecimento e pelas amizades construídas ao longo do período enquanto bolsista de extensão do núcleo. Obrigada a todos os bolsistas, integrantes e colaboradores no núcleo: Jaqueline, Raiane Ferreira, Eliza Santos, Marcos Santos, Ruan, Alan, Ruth, Eduardo e Adila. Aprendi muito com vocês, que possamos manter sempre a nossa amizade.

Ao movimento *Debate e Ação*, através dos meus companheiros/as Jane, Tiago, Raissa, Levi, Simoninha, Edileusa, Marcelo, Rafael, Marcos, Aline, Alana, Torrada e Raimundinho, que ao longo desses anos me proporcionou grandes aprendizados, pois me ensinou a respeitar as diferenças através de um olhar mais humano.

A turma de Ciências Sociais 2012, pela companhia durante os lanches da tarde, assim como pelas conversas e pela amizade. Passar esses anos com vocês me possibilitou viver momentos maravilhosos e que jamais iria vivenciar se não estivesse nessa turma. Espero que possamos manter contato por mais tempo.

As pessoas que me auxiliaram durante a pesquisa de campo, entre elas Seu Xengo, Seu Zequinha, Seu Luiz, Eric de Belém, Rosangela, e em especial as mulheres que permitiram que esta pesquisa se realizasse: Ana Luiza, Dona Josefa, Dona Kelé, Dona Terezinha Maravilha e Dona Delvira. Obrigado por sempre terem me recebido bem em suas casas. Tenho muito a agradecer-las pelo enorme aprendizado que me proporcionaram.

À Deus, que me proporcionou viver tudo isto e principalmente por ter colocado a todos/as em minha vida. E por me amar incondicionalmente.

RESUMO

O bairro Francisco Coelho, apontado como o originário do município de Marabá-PA, é conhecido na cidade como bairro “Cabelo Seco”. Tal designação, segundo a literatura sobre o local e boa parte dos seus moradores mais antigos teria sido atribuída inicialmente nas primeiras décadas do século XX, para definir o lugar habitado pelas “mulheres do cabelo seco”; mulheres negras que marcavam com seus corpos não apenas os espaços do bairro, mas o lugar do *outro* em relação a identidade que ia se formando em torno de Marabá. A pesquisa buscou investigar, inicialmente, através de pesquisa bibliográfica como essas mulheres foram retratadas nas publicações que abordam a formação do bairro e do município, constatando-se um amplo silenciamento sobre as formas de vida compartilhadas por elas, em detrimento de uma maior valorização das figuras masculinas, incluindo-se o próprio Francisco Coelho, em uma perspectiva que valoriza o homem branco como sujeito da construção histórica de Marabá. Em seguida, empreendeu-se uma busca pelas histórias de vida e forma de sociabilidades de mulheres negras moradoras do bairro, buscando-se compreender, à revelia de uma tradição de esquecimento sobre as trajetórias e experiências constituídas por essas mulheres, que informações podem ser reunidas a respeito das mulheres negras que viveram/vivem no bairro a que denominam. Para tal empreitada, foi realizado trabalho etnográfico, auxiliado pela produção de relatos orais de memórias produzidas por meio da História Oral, junto a quatro mulheres negras do bairro, numa faixa etária de cerca de 60 anos, vista como importantes para a interlocução entre suas próprias história de vida e de moradoras mais antigas. A pesquisa possibilitou o contato com as narrativas sobre história de vida dessas mulheres, assim como de formas de sociabilidade constituídas por elas na constituição do dia-a-dia no bairro, bem como algumas de suas visões no tocante às relações de gênero, relações étnico-raciais, bem como relativas a estigmas que circulam em torno do bairro “Cabelo Seco”.

Palavras-Chave: Estigma, Identidade Negra, Memória, Relações Étnico-raciais.

ABSTRACT

The neighborhood Francisco Coelho, named as the one originating in the municipality of Marabá-PA, is known in the city as the neighborhood "Hair Dry". Such a designation, according to the literature on the place and many of its older inhabitants, would have been initially attributed in the early decades of the twentieth century to define the place inhabited by "dry-hair women"; Black women who marked with their bodies not only the spaces of the neighborhood, but the place of the other in relation to the identity that was forming around Marabá. The research sought to investigate, initially, through bibliographical research, how these women were portrayed in the publications that approach the formation of the neighborhood and the municipality, showing a wide silencing on the forms of life shared by them, to the detriment of a greater appreciation Of the male figures, including Francisco Coelho himself, in a perspective that values the white man as subject of the historical construction of Marabá. Next, a search was made for the life histories and form of sociabilities of black women living in the neighborhood, seeking to understand, in the absence of a tradition of forgetfulness about the trajectories and experiences constituted by these women, what information can be gathered. About the black women who lived / live in the neighborhood they call it. For this work, ethnographic work was carried out, aided by the production of oral reports of memories produced through Oral History, together with four black women from the neighborhood, in an age group of about 60 years, considered important for the interlocution between their own history Of life and of older people. The research made possible the contact with the narratives about the life history of these women, as well as of the forms of sociability constituted by them in the day-to-day constitution in the neighborhood, as well as some of their visions regarding gender relations, ethnic relations As well as related to the stigmas that circulate around the neighborhood "Hair Dry".

Keywords: Stigma, Black Identity, Memory, Ethnic-racial relations.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 – Fotografia do Pontal.....19

Figura 2 – Professora e estudantes de grupo escolar em 1929.....21

Figura 3 – Presença negra em Marabá em 1929.....24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: AS MULHERES NEGRAS E SEU SILENCIAMENTO NA HISTÓRIA DE MARABÁ.....	16
1.1 ANÁLISE DE OBRAS QUE TRATAM DAS ORIGENS DE MARABÁ.....	17
1.2 CONTATO DE PRODUÇÃO RECENTES SOBRE O BAIRRO ..	25
CAPITULO II: HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DO BAIRRO “CABELO SECO”	29
2.1. DESCRIÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO	29
2.2. HISTÓRIAS DE VIDA DE QUATRO MULHERES	31
2.3. RELATOS SOBRE PERSONAGENS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DO BAIRRO: ZENITH, MARIA PRETINHA E ADÉLIA	44
CAPÍTULO III: ENTRE A ESTIGMATIZAÇÃO E A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA	47
3.1 SOCIABILIDADES ENTRE MULHERES NEGRAS NO BAIRRO “CABELO SECO”.....	47
3.2. COMO AS MULHERES VEEM AS QUESTÕES DE GÊNERO DENTRO DO BAIRRO	49
3.3.IDENTIDADE NEGRA E ESTIGMA A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS MULHERES	51
3.4 ESTIGMA RACIAL, COMO AS MULHERES PERCEBEM A DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO AS QUESTÕES RACIAIS	53
3.5 FRANCISCO COELHO/”CABELO SECO” UM ESPAÇO ESTIGMATIZADO	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo o estudo das relações étnico-raciais surgiu quando iniciei atividades como bolsista de extensão do N'umbuntu¹. No cerne dessas atividades pude ampliar os contatos com o bairro Francisco Coelho, popularmente conhecido como “Cabelo Seco”, através de participações em eventos vinculados ao dia da Consciência Negra, a partir do ano de 2013.

Com o passar do tempo fui ampliando o interesse em realizar uma investigação voltada para as mulheres daquele bairro, que é considerado como marco inicial da cidade de Marabá, situada no Sudeste do Pará, e cuja formação é marcada predominantemente pela presença de indivíduos negros oriundos do grande fluxo de migrações na região (SILVA, 2006)².

O nome oficial do bairro é uma homenagem ao fundador da cidade de Marabá/PA, Francisco Coelho, no entanto, o bairro se tornou mais conhecido por “Cabelo Seco”; designação que se refere, segundo a literatura consultada e aos próprios moradores do bairro, ao fenótipo das primeiras moradoras, fazendo menção ao cabelo crespo das mulheres, marcado pela descendência africana.

Diante de tal constatação, percebi a importância do seguinte problema: como essas mulheres negras, que deram o nome não-oficial do bairro originário da cidade, são representadas na literatura que trata da origem do bairro e de Marabá? À medida que o contato com os silenciamentos apresentados em relação a essas mulheres em tal literatura foi se ampliando, como será visto no Capítulo 1, pude compreender que seria necessário realizar outro caminho para ter um contato mais amplo com informações a respeito das mesmas, o que abriu espaço para a pergunta: quais as experiências e formas de sociabilidade apresentadas por essas mulheres no decorrer de suas vivências no bairro?

Para buscar respondê-la, desenvolvi pesquisa de campo no próprio bairro, onde pude ter contato com memórias relativas a mulheres negras que viveram no bairro no passado, bem como histórias de vida de mulheres que se afirmam enquanto negras e que contribuem para a

¹**Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação - N'UMBUNTU** da Faculdade de Educação, do Campus Universitário de Marabá/PA, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). O N'UMBUNTU articula ensino, pesquisa e extensão em função da legislação educacional, como também, em subsidiar educadores/as, estudantes e a sociedade em geral na região Norte, sobre o pensamento social clássico referente às relações raciais no Brasil, desde de 2012.

² A população da cidade foi sendo constituída por um contingente populacional que vinham em busca de emprego e melhores condições de vida, em especial a população negra. Era por meio desses dos rios Tocantins e Itacaiúnas, principalmente do primeiro, que se realizava nos primeiros anos do século XX, a entrada de pessoas e a compra e venda de mercadorias.

constituição de seu cotidiano no tempo presente, como será discutido no Capítulo 2. Finalmente, junto às mulheres colaboradoras do estudo, pude fazer alguns questionamentos acerca do nome “Cabelo Seco” na intenção de observar os preconceitos atrelados ao nome, se as mesmas observam o bairro de maioria negra, seu pertencimento étnico racial, conforme será apresentado no Capítulo 3.

Com intuito de desenvolver a pesquisa, utilizei como instrumento metodológico a História Oral, que de acordo com Alberti: “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (2008, p. 156). A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história”.

A realização de entrevistas tornou-se necessárias na elaboração deste trabalho por que a mesma é considerada por Meihy (2011) como um documento, que resulta da junção do ato de entrevistar e transcrever, onde as transcrições serão reproduzidas fielmente conforme as colaboradoras nos informaram, por isso que a mesma deve ser feita com muito compromisso ao objeto estudado.

As informações foram coletadas através de dois tipos de entrevistas ressaltados por Alberti (2008), as entrevistas temáticas e as de histórias de vida, pois se fez necessário conhecer as trajetórias de vidas das colaboradoras ao longo do trabalho. As entrevistas temáticas segundo a autora têm como objetivo observar a participação e opinião das entrevistadas acerca do tema escolhido pelo pesquisador/a, já nas entrevistas de história de vida possui como interesse conhecer a história de vida das próprias entrevistadas e suas principais experiências dentro do bairro.

Nesta pesquisa contamos com a participação de cinco colaboradoras, sendo elas Ana Luiza Rocha da Silva de 60 anos, dona Cremilza Corrêa da Silva de 63 anos mais conhecida por Kelé, dona Josefa Marques Neta de 66 anos, conhecida pelos demais moradores como Zefinha, dona Terezinha Maravilha Santis de 65 e por final dona Delvira Araújo da Silva de 82 anos de idade, conhecida no bairro com Joaquina.

O trabalho de campo foi executado através da etnografia, que segundo Seeger (1945) se “trata de uma característica básica da antropologia moderna”, tendo como método a observação participante, a utilização de caderno de anotações e uma análise sistemática do lócus do estudo, onde o pesquisador tem sempre um grau maior de interação com a situação estudada, sem causar prejuízo de sua complexidade e de sua dinâmica natural.

Para analisar os dados obtidos no trabalho de campo foi essencial a utilização da categoria memória desenvolvida por Pollak (1992). Esta categoria foi utilizada como um dos

recursos para entender a história do bairro e principalmente das mulheres negras, pois, segundo o autor, a memória trata-se de “(...) *acontecimentos* vividos pessoalmente” e ainda “(...) acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.” (p.02). Na qual a memória é um processo construído ao longo do tempo e que sempre está em constante movimento.

Outra categoria fundamental para esta pesquisa é a categoria de Gênero aqui analisada segundo Scott (1989), a qual ressalta que o mesmo se trata de um elemento importante para se perceber as diferenças produzidas historicamente entre os sexos, onde “(...) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (p. 21) com esta categoria buscamos entender como as mulheres do bairro são vistas e quais os lugares que lhe foram reservados ao longo da história do bairro.

Para darmos continuidade nos estudos sobre as mulheres negras do bairro “Cabelo Seco” o conceito de identidade negra se fez necessário, este sendo um dos elementos essenciais no decorrer da pesquisa. Este é um conceito complexo de ser trabalhado e identificado na sociedade brasileira devido aos processos de fragmentação que a mesma passou ao longo da história, neste sentido Santos (2011) nos revela alguns deles, entre eles o mito da democracia racial onde todos seriam vistos como iguais e que defendia que o racismo não existia na sociedade e o processo de branqueamento da população negra no país, que “(...) foi um dos principais instrumentos políticos com apoio do Estado para eliminar fisicamente a população negra.” (SANTOS, 2011, p. 04).

Apesar de todas essas dificuldades encontradas em relação a identidade negra, Santos (2011) aponta a importância do processo de construção ou reconstrução da identidade étnica como primordial para a sobrevivência do povo negro “No entanto, o processo de construção e/ou reconstrução de identidades pode ser visto como vital para que os grupos sobrevivam e prosperem. (p. 02). E nesse mesmo sentido de construção e afirmação de uma identidade negra, Gomes (s/d) entende que identidade negra se trata de um processo construído historicamente através do contato como o outro, com o diferente, da negociação e no diálogo. “Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo.” (GOMES, s/d. p. 02-03)

Com base no exposto acima, acredito que este trabalho representa uma importante colaboração para os estudos étnico-raciais, tendo em vista que tem por natureza abordar não somente a comunidade que deu origem uma cidade, mas também versa sobre o estudo de uma das personagens principais da história dessa formação, que é a mulher negra, que permite

conhecer um pouco mais sobre a história do bairro, das mulheres negras e conseqüentemente da história da cidade de Marabá.

CAPÍTULO I: AS MULHERES NEGRAS E SEU SILENCIAMENTO NA HISTÓRIA DE MARABÁ

Munanga (2008) mostra em seus textos as dificuldades enfrentadas no processo de construção e afirmação da identidade negra no Brasil, fenômeno esse que acontece por diversos motivos, entre eles a colocação em prática da teoria do branqueamento, elaborada a partir do fim do século XIX a meados do século XX pela elite brasileira, a qual tinha por objeto branquear o país, dividindo assim a população negra em diversas tonalidades de cores, como os negros, mulatos e pardos, com o intuito enfraquecer a identidade negra. Segundo o mesmo autor, esta teoria “roubou dos movimentos negros o ditado ‘a união faz a força’ ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidade de ambos.” (MUNANGA, 2008.p.15)

Outra categoria fundamental para compreensão do nosso objeto de pesquisa corresponde aos estudos sobre “Gênero”. O estudo desta categoria tem nos possibilitado conhecer mais as histórias das mulheres dentro da sociedade, pois é sabido que as mulheres têm sido esquecidas ao longo da história e que somente nas últimas duas décadas que o estudo sobre suas experiências apareceram como um campo definível. Isso só se tornou possível a partir das lutas do movimento feminista na década de 70.

Assim, analisar as experiências das mulheres em nossa sociedade significa mergulhar numa realidade carregada de lutas, resistências e formas várias de agenciamento, sem a exclusão de outros marcadores identitários, como a classe ou os pertencimentos étnico-raciais. Para Scott,

(...) reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais. (SCOTT, 1992, pag. 77-78)

Reivindicar a importância das mulheres é um dos objetivos de muitos estudiosos que veem no estudo de gênero. Isso faz deste trabalho, uma importante colaboração para os estudos de gênero e dos estudos étnico-raciais, tendo em vista que o mesmo tem por natureza abordar não somente a comunidade que deu origem da cidade de Marabá, mas também versa sobre o estudo de uma das personagens principais dessa formação, que é a mulher negra.

Esse novo foco tem sido esquecido pelos trabalhos acadêmicos já produzidos nesta localidade, o que pode ser um reflexo do dilema da diferença, que segundo Scott (1992, p.77) “implica uma comparação com o específico ou o particular, homens brancos com outros que não são brancos ou não homens, homens com mulheres”. Ainda se observa muitas histórias onde o sujeito tem sido incorporado com muito mais frequência como homem branco e a história das mulheres inevitavelmente se confronta com o dilema da diferença, que são historicamente construídas, entre homem e mulher.

Os efeitos dessas diferenciações podem ser visto na exclusão, dominação e marginalização das mulheres, que atualmente são fortemente combatidas pelas feministas e por estudos realizados na academia.

1.1. Análise de obras que tratam das origens de Marabá

Observar na História como a população negra tem sido colocada nem sempre se trata de uma tarefa fácil, pois temos constantemente nos deparado com a ausência/esquecimento da mesma nos relatos, especialmente as mulheres negras, realidade esta que não é muito diferente na história de Marabá.

Antes de adentrarmos na análise do bairro “Cabelo Seco” se faz necessário conhecermos um pouco sobre a história de Marabá, desde a fundação do Burgo ao povoamento do Pontal de onde nasce a cidade de Marabá.

Para compreendermos a história de formação de Marabá, se fez necessário analisarmos cinco livros, sendo eles: *As origens de Marabá*, de José da Silva Brandrão (n/d.); *Marabá: A história de uma parte da Amazônia, da gente que nela vivia e da gente que a desbravou e dominou, fazendo-a emergir para a civilização. De 1892 até nossos dias atuais*, de Paulo Bosco Rodrigues Jardim (1984); *Marabá: De Carlos Gomes Leitão a Geraldo Mendes de Castro Veloso*, de Aziz Mutran Filho (2000); *Viagem ao Tocantins*, de Júlio Paternostro (1983); e, por final *A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais*, de Marília Ferreira Emmi (1987). A partir da leitura destas obras foram observados elementos em comum, como o surgimento da cidade de Marabá, a presença da população negra na região e ainda os principais personagens destacados pelos autores.

Os três primeiros autores têm como objetivos relatar o surgimento da cidade desde o princípio, começado pela fundação do Burgo Agrícola do Itacaiúnas até a consolidação da cidade de Marabá, mostrando alguns personagens importantes neste processo.

Já em Paternostro (1983) é possível observar fragmentos de discursos oficiais de pessoas ligadas ao governo do Pará no ano de 1929. Sua escrita se deu a partir da visita de Dr. Deodoro Mendonça a Marabá, que na época que era Secretário Geral do Estado no Governo, o qual tinha o objetivo de observar os efeitos das enchentes que ocorreram no ano de 1926, quando Marabá foi quase totalmente destruída. Descreve ainda como a mesma se reconstruiu, destacando ainda outras personalidades da época.

No livro de Emmi (1987) nos mostra a influência que os donos dos castanhais e conseqüentemente das oligarquias existentes em Marabá e região, influências essas em todos setores da sociedade, as quais determinava toda a vida da cidade. Utilizamos apenas o primeiro capítulo de seu livro em nossas análises, pois neste capítulo a autora fala do surgimento do Burgo ao início da cidade de Marabá.

Um dos elementos que tiveram destaque pelos autores para formação da cidade foi a importância dos rios Tocantins e Itacaiúnas. Estes tiveram papel decisivo no povoamento da região sul e sudeste do Pará, assim como nas demais localidades onde os rios eram as únicas formas de locomoção, pois era através dos rios que ocorria a manutenção das cidades, a circulação de pessoas e mercadorias na região, já que ainda não havia as estradas como meio de transporte.

Sendo por meio desses rios que o Burgo Agrícola do Itacaiúnas foi instalado, este considerado o primeiro povoamento oficial da região em 1892, fundado por Coronel Carlos Gomes Leitão, um dos personagens mais destacado em cinco dos livros aqui analisados, onde a maioria dos autores ressalta em suas obras alguns elogios, atribuindo-lhe conceitos como: uma pessoa de renome, cidadão de ílibada conduta moral, de espírito organizador e prático; apenas Emmi (1987), que em seu texto se refere o mesmo como um chefe político derrotado onde relata sua derrota em Boa Vista do Tocantins, atual Tocantinópolis-Goiás.

Carlos Leitão chega à região do burgo acompanhado por alguns vaqueiros, lavradores e comerciantes, mediante a um estabelecimento de contrato com o Governo do Estado, que segundo Emmi (1987) seria de três parcelas, que totalizava duzentos mil reis, mais que segundo a autora, recebeu apenas uma delas. Esse valor seria entregue “(...) à proporção que os migrantes fossem se estabelecendo em grupos de vinte famílias.” (p. 27). Onde o estabelecimento deste contrato possibilitou, segundo Brandão(s/d) que “(...) as povoações deixaram de ser intermitentes, para serem definitivas e, portanto, a região começou a ter vida própria.” (p. 126).

A instalação do Burgo do Itacaiúnas, como observado anteriormente, significou o início do povoamento da região, assim também como o início do comércio, pois segundo

Emmi (1987) o burgo era “passagem importante para o transporte das matérias primas que o país exportava ao exterior.” (p. 18). A força de trabalho existente no burgo era voltada segundo Brandão (S/D) para a agricultura familiar e a pecuária. No local ocorria a criação de gado de pequeno porte e os alimentos produzidos eram utilizados para a sobrevivência de seus moradores.

Com a chegada de Carlos Leitão e de outros comerciantes a região (como Francisco Coelho da Silva, em 1898, Nascido em Barra do Corda – MA) se tornou necessário se encontrar novos espaços para a criação do gado, havendo assim a necessidade de novas expedições nas regiões próximas ao burgo. Essas novas expedições podem ser consideradas uma das responsáveis pela chegada de mais pessoas ao burgo, principalmente novos comerciantes.

Essas expedições foram uma das causas para o encontro e posteriormente a exploração do Pontal, caracterizado pelo encontro dos rios Tocantins e Itacaiúnas, que na época se tornou palco de grande circulação de pessoas e mercadorias, principalmente por viabilizar o comércio no local, aumentando assim o fluxo migratório na região.

Figura 1 -Fotografia do Pontal



Fonte: Acervo do N’umbuntu. Foto cedida por um morador do bairro durante a pesquisa de campo.

Segundo Emmi (1987, p. 25), grandes modificações nas relações comerciais e sociais que eram estabelecidas dentro Burgo, como “(...) no trato da terra para produzir alimentos para o auto-consumo e para a comercialização do pequeno excedente.” Tais modificações

podem ser consideradas um dos motivos da transferência do Burgo para o pontal, levando a decadência do mesmo.

A autora ressalta ainda outros motivos pelos quais ocorreu essa transferência, onde nos informa questão diversos os motivos, sendo o primeiro o descumprimento das cláusulas do contrato firmado entre Carlos Leitão e o Governo do Estado, pois o mesmo não conseguiu estabelecer a quantidade de famílias teriam sido acordados. Além da quebra do contrato por parte de Carlos Leitão, Emmi (1987) nos fala de como a descoberta do caucho que provocou o deslocamento dos objetivos iniciais da agricultura para a extração da goma, os problemas políticos de Carlos leitão, a falta de recursos financeiros e a má administração dos recursos existentes.

Motivos estes que teriam sido responsáveis pelo deslocamento do burgo para o Pontal, segundo Emmi (1987,p.29) esse processo se realizou de forma lenta e gradual, onde essas transformações se deram por causa do interesse de importantes comerciantes presente na região, sendo destacado pela autora assim como os demais autores, as seguintes personalidades da época, Norberto Mello, Raymundo Rocha,vindos de Goiás; e osmaranhenses, Coronel Maravilha, Ricardo Maranhão, Francisco Casemiro, Celso Bandeira e Antônio da Rocha Maia.

A partir das análises destes livros foi possível perceber que há diversas citações de personalidades que de certa forma obtiveram papéis de evidência na consolidação da região, onde os autores destacaram perfeitamente as funções e o desempenho de cada um. Outro elemento importante a ser ressaltado é o fato da maioria das pessoas mencionadas serem do sexo masculino, havendo assim poucas referencias sobre a participação das mulheres no processo de construção/criação de Marabá, exceto quando se fez referencia as homenagens realizadas às professoras no período da vinda Deodoro Mendonça,citados por Paternostro (1983) que nesta ocasião foi possível encontrar uma foto em que as alunas realizavam uma homenagem a Deodoro Mendonça, como podemos observar a seguir:

Figura 2 – Professora e Estudantes de grupo escolar em 1929.



Acervo da Fundação Casa da Cultura de Marabá³.

Durante esta visita Deodoro Mendonça visitou algumas escolas da cidade, na época havia apenas três, sendo que duas delas era composta uma só de meninas e outra só por meninos e a terceira era mista, e em todas as escolas que visitou Mendonça foi homenageado. Podemos perceber na foto a presença das meninas e mulheres da localidade, mais que não foram observadas como importantes figuras na consolidação da cidade.

Nas análises das obras outro elemento destacado foram os prostíbulos existentes na região, sendo o primeiro criado por Francisco Coelho, este responsável pelo primeiro barracão que segundo a história este tinha por nome Marabá, o qual mais tarde se tornou o nome de nossa cidade.

O barracão é descrito pelos os autores como uma construção grande, composto por quatro repartições, sendo uma para o comércio, um para depósito de mercadorias, outro utilizado como moradia e o último como um amplo salão para as festas, que seriam onde as mulheres de “vida fácil” trabalhavam, algumas delas trazidas do estado do Maranhão por Francisco Coelho. A inauguração do barracão foi em 07 de junho de 1898 na localidade do pontal, mais devido a fama e as reclamações das famílias que tinha no local, o mesmo foi colocado mais afastado do povoamento, como podemos observar nas palavras de Mutran Filho:

³ Algumas fotos utilizadas neste trabalho foram adquiridas na Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM), fundada em 1982 com o Grupo Ecológico de Marabá – GEMA, vem se dedicando ao longo de sua história a preservar a memória regional, localizada folha 31, Quadra Especial, Lote 01 - Nova Marabá.

E o pontal, assim como a Casa Marabá, ficaram tão faladas entre os homens, que ao descerem o Rio, carregados de caucho, redobravam os esforços nas pindaíbas (grandes varas para empurrar a embarcação), dizendo uns para os outros: “vamos varejar mais depressa, para podermos chegar com tempo, para festa das NEGRAS DO CABELO SECO”. (As mulheres tinham os cabelos pichains, secos e penteados para cima). Daí a razão do primeiro bairro de nossa Marabá ter ficado conhecido, como até hoje o é, pelo nome de Cabelo Seco. (MUTRAN FILHO, 2000. p. 25)

Em relação à origem de algumas dessas mulheres, Mutran Filho (2000) nos relata um dado novo, que algumas delas seriam pertencentes ao antigo quilombo existente próximo ao Burgo, o qual fala o seguinte: “As damas, eram na maioria as pretas do antigo Quilombo, que então já se dissolvera, indo os homens para o corte de caucho e as mulheres que não eram casadas, estavam amigadas ou fazendo a vida como meretrizes” (p. 24).

São estes os poucos momentos em que percebe a presença das mulheres nos relatos dos autores sobre a na formação/construção da cidade. Percebemos ainda que a maioria dos autores não se preocupa em realizar um levantamento sobre as origens culturais e raciais de seus personagens, exceto algumas citações como foi o caso de Jidão (1984) que menciona a realização de evento realizado em 1963 pelo prefeito Pedro Marinho de Oliveira aos cinquenta anos de instalação do município de Marabá, onde o mesmo realiza homenagens a pessoas de destaque na época, sendo homenageado o caucheiro Basílio José dos Santos, este citado como descendente de negros, que foi lembrado por ser o caucheiro mais velho do local.

Apesar de sempre citados estados vizinhos como partícipes da constituição da população negra do bairro supracitado, municípios do próprio estado do Pará, cujas extensões territoriais são profundamente marcados por quilombos e outras formas organizativas de trabalhadores rurais negros não são colocados como fontes centrais de migração do sudeste do Pará. Cametá, Mocajuba, Tucuruí, e Baião são os principais referenciais. Segundo as autoras Acevedo e Castro:

Cidades como Cametá, Mocajuba, Tucuruí e Marabá e posteriormente Baião são exemplos de dinamismo da economia agro-extrativa e nas estatísticas da população, com expressivos de contingentes de negros trabalhando nas propriedades rurais. A presença negra ainda hoje no Vale do Tocantins é inquestionável. Subindo o rio, palmilha-se um mundo marcado por comunidades negras (...) (ACEVEDO e CASTRO, 1999. apud SILVA, 2006, p.54).

Em apenas dois dos textos que retratam sobre a história do burgo e o seguimento de Marabá foi possível observar relatos sobre a presença da população negra na região. Apenas Mutran Filho (2000) e Brandão (s/d) mencionam a presença dos negros/as na formação de Marabá, citando a presença de mocambos e quilombos nos povoados próximos a cidade, havendo assim uma forte presença da comunidade negra nas regiões de Itaboca, Praia Grande e Praia da Rainha, Cametá, Mocajuba e Igarapé Mirim.

Mutran Filho (2000) faz um pequeno histórico da região do Baixo Tocantins na época dos canaviais por volta do início do século XVIII, ressaltando o momento da troca da força de trabalho dos indígenas pela negra, relatando como foi a chegada dos navios negreiros nas proximidades de Belém e Cametá. Nos relata ainda suas consequências para a economia da região.

Após essa introdução da chegada dos negros na região, o autor relata que era muito comum se escutar relatos de fugas de grupos de negros na região, os quais buscavam por liberdade. Um dos grupos se fixou próximo de Marabá, como relata o autor:

Um desses grupos de negros fugidos, veio ter às margens do nosso Itacaiúnas, exatamente em frente ao pontal, ou um pouco mais abaixo e vendo que, o local ali era aprazível, com muitas caças, muito peixe e uma grande variedade de frutas silvestres, resolveram acampar (...) o tempo, fixar residência, formando o que seria o QUILOMBO DE MARABÁ. Esta localidade, previamente escolhida, era salpicada de açazeiro, que cresciam, solenes, fornecendo fartura para a sobrevivência daquela gente magoada pela escravidão imoral. Logo ambientaram-se ao local, construíram suas moradias, refizeram seus tambores e readquiriram um pouco de sua alegria que tinha uma sonoridade particular: SQUINDANGUES, SQUINDANGUES, SQUINDANGUES (MUTRAN FILHO, 2000 p. 16-17).

Ao longo do texto, o autor nos descreve que esse povoado havia sido transferido para uma localidade próxima ao burgo já no período da chegada de Carlos Leitão, mas não há relato de como o quilombo foi transferido ou mesmo deixou de existir na localidade, apenas mostra que no local onde era localizado o quilombo foi transformado em uma fazenda de criação de búfalos, sendo esta de propriedade de UadyMoussallem, este de origem libanesa. A fazenda era conhecida como “Quindangues”, nome este de origem africana e que faz referência ao som dos tambores utilizados pelos negros da região. Sendo atualmente uma localidade que possui grande importância para a cidade de Marabá, pois segundo Mutran Filho (2000) é onde está localizado o Aeroporto da cidade.

Mutran Filho (2000) nos revela que a comunidade era formada por um grupo de cinquenta a sessenta pessoas, sendo na sua maioria mulheres viúvas ou solteiras, e que boa parte desta população se tornou parte dos primeiros moradores do pontal mais tarde transformado na cidade de Marabá, como podemos observar em suas palavras:

Os negros, pouco a pouco foram tomando seu rumo, ora casando-se formando famílias que povoaram o primeiro bairro da futura cidade, e as mulheres solteiras, quando não se transformavam em prostitutas, passavam a servir como domésticas em casas de novas famílias, que seriam notáveis daqueles tempos. (MUTRAN FILHO, 2000 p.17).

Na citação acima fica evidente o papel que foi destinado pela sociedade da época para as mulheres negras originárias do quilombo, pois para as mulheres as únicas alternativas

desobrevivência era o casamento, o trabalho doméstico ou a prostituição, ou seja, em todas essas formas de inserção estava presente algum tipo de submissão seja ao marido, aos patrões ou como no caso da prostituição, se sujeitar a uma atividade marcada por estigma degradante que por muito tempo acompanhou as mulheres do bairro como será exposto ao longo deste trabalho.

Realidade esta que poderia ser uma das causas para a ausência e esquecimento das mulheres, em especial as mulheres negras ao longo da história da cidade de Marabá observados livros aqui analisados no processo histórico de construção, observando que ressaltaram apenas as figuras masculinas como importantes, onde a presença das mulheres especialmente das negras foi negligenciada em vários aspectos. Apesar disso, foi possível encontrar no acervo da Fundação Casa da Cultura da cidade uma foto que retrata o pontal, considerado o início de toda cidade:

Figura 3 – Presença negra em Marabá em 1929.



Acervo da Fundação Casa da Cultura de Marabá.

Nesta imagem fica evidente a presença das mulheres, em especial as mulheres negras, o que nos permite observar a importância das mesmas neste processo, mas que ao longo do tempo têm sido silenciadas pelas abordagens desses pesquisadores, pois ressaltam apenas a figura masculina como importantes neste processo.

Outro reflexo da presença dessa população nesse território pode ser observado a partir das diversas manifestações culturais que foram construídas socialmente ao longo da história

do Município de Marabá, como a dança do Boi Bumbá, Cordão de Pássaro, e o Rouxinol, hoje presente só na memória dos antigos moradores/as do local.

1.2. Contato de produções recentes sobre o bairro

O bairro “Cabelo Seco” tem sido utilizado como campo de pesquisa por diferentes áreas do conhecimento no Pará, muito embora quase nenhum deles coloquem em evidência a presença a identidade negra, elemento constituidor desta parte da cidade de Marabá. Neste sentido, veremos brevemente alguns destes estudos, e seus limites no que se refere ao reconhecimento do “Cabelo Seco” como território de maioria afrodescendente (CUNHA JUNIOR, 2008). Provavelmente, pela dificuldade da sociedade local reconhecer que a cidade tenha nascido sobre a égide de uma população negra.

Uma das pesquisas que tomam este bairro como objeto de estudo e que nos chamou a atenção é o projeto Nova Cartografia Social cujo foco é reconstruir a organização dos movimentos sociais no campo e na cidade. Fica evidente a preocupação dos organizadores deste projeto possibilitar a escuta de seus moradores, mas também fica evidente como a identidade negra é diluída em categorias como: pescador, parteira, entre outras manifestações dos moradores deste bairro, cuja história, segundo seus próprios moradores faz menção ao cabelo dito como “pixaim” (PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL, 2005). Analisamos que o referencial e o pertencimento as raízes africanas parece não ter sido apontado na produção das oficinas, que geraram a construção do caderno, que pretende indicar o “Cabelo Seco” como mito fundador da cidade de Marabá.

Interessante também observar que por mais que se apresente como fundante da cidade de Marabá, percebe-se nitidamente, que por ter sido constituído por descendentes de africanos, pouco ou nada avançou em termos de organização estrutural deste bairro. Pois, o “Cabelo Seco” continua a sofrer com a falta de investimentos públicos em áreas importantes para o desenvolvimento social do bairro, como água, esgoto, educação e saúde. Pode-se discutir, conforme justificado por moradores de Marabá, de que em diferentes gestões isto seria comum no restante da cidade. No entanto, não se pode deixar de refletir, que pelo tempo de constituição do “Cabelo Seco” deveria minimamente apresentar a estrutura física dos outros bairros da cidade.

Diante dessa realidade apresentada é possível fazer uma reflexão em que ausência de políticas públicas é um reflexo do racismo existente na sociedade, e mais especificamente no

bairro, como se pode observar nas palavras de Santos (2007) ao afirmar a respeito das espacialidades e das relações raciais, como um princípio ordenador das relações sociais, escreve:

Mesmo apesar de, em determinadas esferas, espaços e momentos da construção do tecido social haverem relações horizontais entre negros e brancos neste país, a diferença racial é mobilizadora em detrimento dos negros em momentos onde está em jogo o acesso às riquezas que a sociedade produz: o racismo opera criando, recriando, reproduzindo, aprofundando e perpetuando desigualdades sociais. (SANTOS, 2007, p. 31)

Nesta direção, podemos analisar outro trabalho, este de conclusão de curso (TCC), de um ex-aluno do curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Eric de Belém Oliveira, cujo o título: “Cabelo Seco: no Encontro dos Rios, Encontros de Memórias”, segue a mesma trilha aberta pela Nova Cartografia. Em nosso entender tangencia o enfrentamento racial protagonizada nas expressões, na vida e na memória dos moradores e moradoras do “Cabelo Seco”, como trabalhadores/as alicerçados por suas diferentes formas de viver este lugar, mas de fato, o pertencimento racial deixa de ser uma análise, que opere com os desafios estruturais enfrentados por esta população na atualidade.

Oliveira (2008) é um dos autores que observa em seu trabalho que as mulheres do bairro foram importantes na consolidação da cidade de Marabá. No entanto, somente as destaca nas funções sociais que essas exerciam no local, como as de rezadeiras, lavadeiras e parteiras, também aquelas mulheres que, realizando ou não essas funções, atuam também no cuidado do lar e da família.

Apesar de o autor identificá-las como elemento importante na constituição do bairro, não dá ênfase ou não as coloca como protagonistas dessa construção, devido não fazer parte ao seu objeto de estudo, não faz uma análise mais aprofundada da presença das mesmas na sociedade. Por outro lado, faz análises mais precisas, comparando-se a Silva (2006), no que diz respeito a figura da mulher, visto que ele identifica o processo de invisibilização sofrido por elas ao longo dos anos, pois mesmo considerando sua importância para formação da comunidade, tem sido esquecidas pela História.

Um desses silêncios é a presença da mulher como um dos protagonistas da construção da história de cidade de Marabá, pois existe uma ausência de informações nos ditos documentos da história oficial, situação que contrasta com a abundância das narrativas e com a riqueza de imagens suscitadas pela memória que é passada de geração em geração (OLIVEIRA, 2008. p.35).

A despeito de algumas lacunas no trabalho de Oliveira (2008) no que diz respeito à presença da figura feminina dentro do bairro, o autor consegue apresentar elementos importantes e que merecem ser destacados.

O trabalho intitulado “Migração e cultura no sudeste do Pará”, escrita por Idelma Santiago da Silva (2006), discute a questão da migração na região sudeste do Pará. Em alguns momentos da discussão, a autora aborda a importância da migração negra maranhense para a cidade de Marabá. Destaca também, as discriminações e invisibilidades referentes às mulheres, relacionando sua presença na cidade. Como apresenta a autora, em 1984, por exemplo, a prefeitura de Marabá realizou um evento em comemoração aos seus 71 anos de sua emancipação e um de seus fins era a homenagem aos indivíduos considerados importantes para formação da cidade de Marabá. Na ocasião, foram homenageadas dez pessoas, sendo oito homens e apenas duas mulheres, uma delas conhecida por Dona Maria Pretinha, única mulher negra laureada. Apesar da autora retratar a situação da população negra na região, pouco se tem falado das mulheres negras. Quando são mencionadas, a autora não as coloca como foco principal pelo fato de sua investigação se debruçar mais especificamente sobre a temática da migração.

Por fim, outro trabalho que achamos pertinentes à nossa pesquisa, é o de Valdir da Cruz Rodrigues, realizado em 2005, com o título “Definições e relações raciais em Marabá/PA: O bairro do Cabelo Seco.”. Esse estudo, diferentemente dos demais autores, preocupou-se em problematizar as relações raciais no “Cabelo Seco”. Trata-se de um trabalho de especialização cujo foco é conhecer de que forma os moradores e moradoras do bairro compreendem as dimensões em torno de raça e cor e dos reflexos desta representação na vida comunitária.

Durante a análise das literaturas produzidas acerca do bairro Francisco Coelho, foi observado que a figura da mulher negra não tem sido abordada com muita frequência e quando o é, não é dada uma atenção detalhada. Além disso, ao falar mais especificamente sobre o nome do bairro “Cabelo Seco”, todos contam que esse nome faz referencia as mulheres negras que sobreviviam da prostituição e que foram dessas mulheres que surgiu o nome do bairro, além de ser lembrado por causa dos famosos cabelos ditos pixaim dessas mulheres. Mas, apesar de possuírem as mesmas justificativas para o nome nenhum deles conseguiu avançar no sentido de pesquisar mais a fundo sobre essa justificativa.

Importante ressaltar que a realização do levantamento bibliográfico sobre a origem da cidade e conseqüentemente do bairro Cabelo Seco, não se trata do objetivo central desta pesquisa, mas que se fez necessário ser realizado para melhor compreender o bairro e a

presença das mulheres negras no passado e atualmente como será melhor observado na capítulo dois onde se realiza a história de vida de quatro moradoras e suas participações dentro do bairro, observando assim suas participações na localidade atualmente.

CAPITULO II: HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DO BAIRRO “CABELO SECO”

2.1 Descrição do trabalho de campo

O meu primeiro contato com o bairro “Cabelo Seco” aconteceu em 20 de novembro de 2013, quando acompanhei a realização do evento da Consciência Negra⁴ que acontece dentro do bairro desde 2012. Naquele momento me encontrava na condição de bolsista de extensão do N’umbuntu, o qual estava contribuindo na realização do evento, porém ainda não tinha pensado no bairro enquanto objeto de pesquisa.

Em 2014 participei de um evento acadêmico promovido pelo mesmo núcleo⁵, onde foi apontada a necessidade de produção de mais trabalhos que tenham as mulheres negras como objetos de pesquisas, já que são poucos vistos na academia, fato este que estaria contribuindo com o silenciamento das mesmas dentro da sociedade. Nesta ocasião, observei a necessidade de lançar outro olhar sobre o bairro, um olhar que levassem em consideração a formação étnico-racial dos moradores do local, tendo como objeto de pesquisa as mulheres existentes na localidade, tentando observar se há uma formação de uma identidade negra por das mesmas.

Com isto percebi a necessidade de retornar em outras ocasiões ao local, para observar como é organizado e acima de tudo quem são seus moradores, em especial as mulheres negras. Durante as primeiras andanças pelas ruas do bairro, confesso que ainda não tinha certeza e nem precisão de como olhar e ouvir o que o campo tinha a oferecer, pois os meus sentidos ainda não se encontravam disciplinados para estar em campo, sendo o olhar e o ouvir elementos importantes no fazer etnográfico, como aponta Oliveira (2006): “(...) são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar – isto é, peculiar à antropologia -, por meio do qual o pesquisador busca interpretar – ou compreender – a sociedade e a cultura do outro “de dentro”, em sua verdadeira interioridade.” (p. 34). Nas primeiras vezes em que estive em campo, possuía bastantes dificuldades em compreender e interpretar o “outro” representado aqui pelo bairro “Cabelo Seco”.

⁴ A realização da Consciência Negra no dia 20 de Novembro é realizada em memória a morte de Zumbi dos Palmares, uma figura histórica como símbolo da resistência negra no país, as manifestações e reivindicações realizadas neste dia são em prol do povo negro e afrodescendentes.

⁵ II Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão: “N’umbuntu em Consciência Negra: Afirmando as políticas de Igualdade Racial”. Durante o evento, foi proferida pela pesquisadora Jeruse Romão a conferência intitulada “Educação, Mulher e Religiosidade: perspectivas de combate ao racismo”.

O estar em campo muitas vezes me deixou apreensiva. Lembro-me da segunda vez em que estive no bairro, desta vez caminhando pelas ruas do “Cabelo Seco”, em 28 de março de 2015, já durante o contexto da realização da pesquisa aqui apresentada. Estava tão perdida que não sabia como lidar e nem andar pelo bairro, por isto nesta ocasião convidei Marcos Santos⁶ para irmos juntos. Naquele dia parecia que minha mente tinha pouco espaço para processar tantas informações que o campo apresentava.

Na referida visita, conversamos com uma agente de saúde chamada Rosangela, a qual nos informou onde poderíamos encontrar a dona Josefa, rezadeira do bairro, função apontada como relevante por Oliveira (2006), que nos recebeu em sua casa e se mostrou muito receptiva e animada em ajudar. Josefa, no decorrer da pesquisa, tornou-se uma das colaboradoras.

As idas seguintes ao campo foram mais tranquilas no sentido de saber controlar a ansiedade e o nervosismo. Logo consegui direcionar melhor minhas observações, que algumas vezes foram voltadas para observar a estrutura do bairro, a participação das mulheres negras no local e também para o cotidiano dos moradores em geral. Sempre que retornava ao bairro buscava perceber o aspecto do cotidiano. Por isso percebi que alguns, principalmente os mais velhos, ainda conservam o costume de sentar na frente de suas casas, participarem de conversas entre os vizinhos. Enxerguei pessoas jogarem baralho em frente de casa.

Percebi que existem algumas famílias em que todos os membros moram dentro do bairro, sendo tios, primos, irmãos, netos e assim por diante, principalmente os moradores da ponta. Encontrei nas partes da tarde alguns jovens jogando bola, assim como jovens e adultos trabalhando com a pesca, uns tratando os peixes e outros tecendo redes (tarrafas) no período da tarde.

Em algumas vezes em que estive em campo durante os anos 2015 e 2016 foi possível contar com o auxílio de algumas pessoas como o Eric de Belém⁷, seu Zequinha e principalmente a moradora Ana Luiza Rocha da Silva, que ao longo da pesquisa pode ser considerada um indivíduo-chave dentro do campo, que segundo Luiz (no prelo) a presença do indivíduo-chave em campo nos permite:

O contato com “indivíduos-chave” poderá nos ajudar – se tivermos, pelo menos, uma fração mínima da “sorte” de Foote-White – a nos orientarmos perante aquelas situações instantâneas que podem “abrir” ou “fechar” o campo; situações inesperadas, que podem nos fazer ganhar ou perder tempo, bem como ganhar ou

⁶ Estudante de ciências sociais e bolsista do N’UMBUNTU, este me acompanhou somente uma vez ao campo.

⁷ Graduado em Ciência Sociais, é um dos responsáveis pela realização da consciência negra no bairro e foi quem apresentou a dona Ana Luiza que mais tarde contribuiu na realização da pesquisa.

perder para sempre a confiança de um colaborador ou de todo um grupo.” (LUIZ, p. 07, no prelo)

Neste sentido, esses indivíduos-chave se tornam peças importantes em campo, já que facilitam o “abrir” e até mesmo o “fechar” das portas dentro do campo, pois permitir adentrar no mesmo com mais possibilidades construção de elos com os colaboradores/as ao longo da pesquisa, sendo Ana Luiza esta intermediadora junto a algumas mulheres negras, a qual também foi uma das colaboradoras, assim como junto a Cremilza Correa da Silva, mais conhecida por Kelé, Josefa Marques Neta, conhecida pelos demais moradores como Zefinha e Terezinha Maravilha Santis.

2.2. Histórias de vidas de quatro mulheres negras do bairro “Cabelo Seco”

A escolha dessas mulheres negras se tornou possível em grande parte por causa do envolvimento das mesmas dentro do bairro, como na associação de moradores, participações no ciclo de orações da igreja católica, entre outras funções sociais, como lavadeiras e rezadeiras, características estas que as tornaram mais acessíveis que as demais moradoras do local. Com isto conhecer as histórias de vidas destas mulheres negras nos permite compreendermos melhor como ao longo do tempo se tornaram protagonistas na história do “Cabelo Seco”.

Optamos por reconstruir a história do bairro e do protagonismo feminino por meio da memória das mulheres entrevistadas, uma vez que, segundo Alberti (2008), a memória é importante no processo de construção/formação da identidade dos indivíduos de um grupo, pois:

Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas da História oral (ALBERTI, 2008. p. 167).

Ao estudar sobre a memória por meio dos recursos da História oral, Alberti (2008) fala que é necessário se ter cuidados, pois existe uma grande diferença entre “estudar” a constituição de memórias e “construir memórias”, onde o recurso da História oral seria para estudar, partindo assim da necessidade de conscientização sobre os aspectos da memória em determinados grupos. Portanto, ao estudar a memória, Alberti (2008) destaca que o pesquisador, ao utilizar a história oral, não irá definir quais são as memórias relevantes para um determinado grupo ou indivíduo, mas a própria fala do entrevistado é que irá revelá-las.

Devido a isto, neste trabalho foi optado por resgatar a memória dessas mulheres por meio da história oral, pois assim seria possível identificar, por meio da fala das entrevistadas que aspectos importantes, ou melhor, que memórias são fundamentais para gerar o sentimento de pertencimento em relação ao bairro e para conhecer a história de vida das colaboradoras.

A primeira mulher que iremos narrar a história de vida é Ana Luiza, de 60 anos, que conhecemos durante a realização da Consciência Negra do ano de 2015, onde fomos apresentados por Eric de Belém. Ana é dona do bar onde se realiza a festividade desde o ano de 2014, sempre muito alegre e comunicativa, foi uma das pessoas que sempre se demonstrou disposta em contribuir com o trabalho. Durante os eventos da Consciência Negra, promovidas pelo grupo Debate e Ação, serve como mediadora entre os organizadores e as pessoas “de fora”, em geral egressos do curso de Ciências Sociais da UFPA, atual Unifesspa.

Ana nasceu no bairro. É casada com seu Orlando, com o qual tem dois filhos e cinco netos, e filha de Zenith Rocha Ribeiro antiga moradora do local. Durante nossa conversa realizada em 27 de fevereiro de 2017, relatou que desde criança tinha o sonho de ser professora, já que não gostaria de ser lavadora de roupa igual sua mãe, por ver nesta profissão um trabalho muito cansativo e prejudicial à saúde por causa do sol, mas mesmo não querendo ter essa profissão, relata que em determinados momentos era bom ir para o rio, pois tinha a oportunidade de brincar, “se bem que tinha horas que era bacana, pois a gente lavava roupa, ei mais era bom! a gente esfregava a roupa e caía na água e depois ia brincar de trisca em baixo da água (risos) era um barato!” (Ana Luiza, 2017).

Mesmo tendo momentos de distração Ana Luiza sempre demonstrou seu desejo em se tornar uma professora e por isso mesmo relata que quando estava no rio acompanhando sua mãe tinha o hábito de levar o caderno para estudar. E que para se formar professora, a mesma conta que obteve ajuda de sua mãe e do Bispo Dom Alano, pois ela não possuía dinheiro para custear seus estudos.

(...) sempre pensei assim “eu não vou ser lavadeira” por isso levava o caderno para beira do rio para estudar na hora que tinha um tempinho, minhas notas era tudo bacana [...] Depois do ginásio queria ser professora e como o curso normal na época, só tinha no colégio Santa Terezinha e minha mãe não tinha dinheiro para pagar o colégio que era particular, mais tinha o bispo aqui de Marabá, Dom Alano, que a mamãe lavava sempre roupa, e mamãe falou da minha vontade de ser professora, com isto ele falou que iria fazer minha matrícula no Santa Terezinha, que iria pagar meus estudos, nessa na época tinha 17 anos, depois quando completei 18 anos iniciei a lecionar, com isto ele pagava metade e eu a outra metade, assim me formei em professora, onde lecionei 10 anos (Ana Luiza, 2017).

Lecionou durante 10 anos na escola do bairro que fica em frente a sua casa e nas escolas Judite Gomes Leitão, Plínio Pinheiro, localizadas na Velha Marabá, e na escola

Pequeno Príncipe, localizada na Nova Marabá. Após esses anos como professora resolveu deixar a docência, pois descreve que na época que trabalhava como professora, esses profissionais eram mais valorizados, relata que tinha prazer em estar em sala, mais que com o passar dos anos essa realidade foi se modificando e hoje os alunos não respeitam mais ninguém, o que a fez com que deixasse a escola para trabalhar em um órgão federal.

Neste órgão trabalhou como atendente de enfermagem através do concurso federal para o SESP (Serviço Saúde Pública), onde ficou aproximadamente dois anos, logo depois foi morar em Tucuruí – PA na época da construção da hidrelétrica, trabalhando novamente como atendente de enfermagem. A mesma nos fala que o período em que residiu em nesta cidade foi um dos momentos em que sua vida se modificou de forma surpreendente, que somente o destino poderia explicar, foi neste período que se casou e teve seus filhos.

“(...) o destino, como é o nosso destino, chegando em Tucuruí logo conheci o Orlando que hoje é meu esposo [...] me casei com 26 anos, nós namoramos, noivamos e casamos em três meses (risos) o meu objetivo era ter dois filhos e na realidade Deus me presenteou com a Fernanda e o Rodrigo, depois ficamos seis anos em Tucuruí (...)” (Ana Luiza, 2017).

Após este período de seis anos a mesma retornou ao bairro, agora acompanhada por sua família e novamente passou em um concurso federal, para a Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI), no qual está desde o ano 2000. Nos informou ainda que já possui idade o suficiente para se aposentar, mas não tem coragem, pois se sente realizada com o trabalho que desempenha.

Já em relação a sua participação dentro do bairro possui importante papel dentro da associação de moradores, esta representando um aspecto relevante durante sua vida pessoal e social dentro do bairro, pois a mesma foi eleita presidenta duas vezes por meio de voto direto, mais não lembra em que ano. Só sabe dizer que a partir dos anos 90. Porém, quando começou a trabalhar na saúde indígena não conseguiu mais conciliar a presidência com o trabalho, pois encontrava se sempre por isso optou por ficar como vice-presidente, que continua até hoje, que na ausência do presidente toma a frente.

Durante a realização das entrevistas com as outras mulheres e nas andanças pelo bairro, percebemos que Ana Luiza é vista como uma referência no mesmo, pois em determinados momentos todas das entrevistas as mulheres se referiram a ela, assim como a sua mãe dona Zeni, relatando sua participação na comunidade por meio da associação de moradores, da qual foi presidenta anos atrás e que atualmente é vice-presidente, sua participação na igreja e nas rezas existentes no bairro e também na realização da consciência negra. Com isto durante a nossa entrevista tivemos a oportunidade de questioná-la se

conseguia lembrar em momento foi que se tornou uma referencia no bairro, ficando um momento em silencio, e depois nos respondeu o seguinte:

Acredito que foi desde os 18 anos por ser professora, pois lecionava para o pessoal aqui do bairro, também dava aula no Judite, no Plinio e no Pequeno Príncipe, então era muita gente dessa época, a gente já virou, o pessoal vinha sempre contatar com a gente pra fazer trabalho essas coisas e mais referência mesmo foi quando cheguei a presidente da associação, que foi uma vitória, Meu Deus! Que quando ganhei o pessoal me carregava nos braços e foi muito engraçado (risos) foi uma festa imensa, na época minha casa não era assim, a minha casa era de taboa e tinha um assoalho de taboa bem grande porque onde é a orla era o nosso quintal, então era bem grande nosso assoalho as nossas festas era ali, ha mais foi, era maravilhoso! Quase todo final de semana era festa, depois com a orla tomou nosso espaço das nossas festinhas comunitárias (...) (Ana Luiza, 2017).

Nesta declaração, percebemos o orgulho em suas palavras ao lembrar sua história e vivencia dentro do bairro, pois me relatou que no bairro “Cabelo Seco” existe um grande laço de amizade entre ela e os moradores. A mesma considera que existe uma vida em comunidade, fazendo a mesma parte de sua família. Durante a conversa nos revela que possui muito orgulho de pertencer ao bairro “(...) Eu sinto orgulho de morar aqui no meu Cabelo Seco, que não saio daqui por nada! Só para o São Miguel que é o cemitério (...)”, e terminou a frase com risos.

Outra importante vivencia a ser ressaltada sobre a história de vida da entrevistada é sua participação nas rezas voltadas ao santos/as que são festejados/as dentro do bairro, principalmente São Reis e Senhora Sant’Ana. Contou-me que seu nome faz parte de uma promessa de sua mãe, pois a sua gravidez foi complicada, e que se desse tudo certo na gestação da filha ela iria colocar o nome Ana, já o nome Luiza veio por causa do nome de sua avó. Devido a isto a mesma é devota da santa. É possível perceber em casa que há algumas imagens de santos/as, sendo uma delas a de Sant’Ana, onde todos os anos realiza a reza para agradecer a graça alcançada.

Já em relação à reza de Santo Reis me revelou que acontece no dia 6 de janeiro, esta também foi uma das que vivenciou bastante no período de sua infância, onde sua mãe juntamente com outros/as moradores/as passava em todas as casas cantando e festejando o Santo. Relatou-me que depois que sua mãe morreu nunca mais tinha conseguido participar, somente este ano foi que conseguiu ter coragem para realizá-la novamente, onde saiu pelas ruas do bairro convidando a todos a participar.

Em certo momento de uma das nossas conversas, sua neta que estava presente me disse que o nome dela era Maria Luiza, o que fez com que a entrevistada se emocionasse e desse um abraço na neta, continuando assim a relatar suas vivencias durante a reza. Contou-

me que no dia de Santo Reis há uma música que sempre é cantada, na ocasião pedimos para que ela cantasse um pouco da mesma.

“(...) é assim, Oh de casa nobre gente, escutai que ouvirei, moradores marabaense que vos vem pedir o Reis, moradores marabaenses que vos vem pedir o Reis, ano bom, festas de Reis com prazer pedir vos venho, dessas mãos tão generosa seguras esperança eu tenho, dessas mãos tão generosa seguras, esperança eu tenho” ai a pessoa da oferta, responde: "Deus lhe pague a sua oferta que nos deu de coração, Deus lhe der saúde e paz e o reino da salvação, Deus lhe der saúde e paz e o reino da salvação." (Ana Luiza, 2017).

Após cantar a música relatou que foi umas das melhores experiências das quais tinha vivenciado este ano e necessita participar mais das coisas igreja, expressando a vontade de participar mais vezes do ciclo de oração do Sagrado Coração de Jesus da paróquia do bairro, pois ultimamente só tem participado das missas devido ao tempo, pois na juventude quando lecionava no barro ela era também catequista da igreja, porém acabou se afastando.

Após observar algumas dos aspectos aqui ressaltados da vida de Ana Luiza, percebi que vários fatores contribuíram que ela se tornasse uma referencia no local, primeiro por ter trabalhado como professora no bairro, segundo por sua participação na associação de moradores, terceiro por que sua casa desde sempre foi um local de encontro para a realização de festividades dentro da comunidade, como até hoje, principalmente agora que a estrutura da Orla de Marabá passa em frente ao seu bar, tornando assim em um espaço privilegiado para os eventos. E por final ao fato ter dado continuidade em algumas rezas que era promovida por sua mãe, pratica esta muito comum nas demais entrevistadas.

Outra importante colaboradora nesta pesquisa é a dona Cremilza, conhecida por Kelé, mulher negra de 64 anos de idade, viúva, aposentada, mãe e avó. Nosso primeiro contato aconteceu em 29 de setembro de 2016, a qual foi apresentada por Ana Luiza, no início conversamos sobre o objetivo da pesquisa, durante a conversa percebemos que se trata de uma senhora tímida e muito religiosa.

Dona Kelé é natural de São Luiz Gonzaga no estado do Maranhão, chegou ao bairro em 1981, no qual está desde então. Mudou-se algumas vezes do bairro. Segundo ela, por causa das enchentes dos rios Tocantins e Itacaiúnas. Passou a morar na localidade por causa do marido que era pescador, este veio primeiro e somente quando o marido conseguiu a casa que mora foi que a mesma passou a residir no bairro.

No período em que seu marido estava vivo, segundo me relatou, provinha dele o sustento da casa, por meio da pesca. Somente depois que se separou foi que a mesma começou a desempenhar a função de lavadora de roupa no bairro. Lavava roupas para pessoas de outros

lugares, com o objetivo de sustentar seus dois filhos que na época eram crianças. Somente depois que seu marido faleceu que ela conseguiu ficar aposentada.

Com relação às lavagens de roupa, nos relata que era uma vez por semana ou até mesmo duas, pegava em um dia e lavava na beira do rio, como podemos observar em suas palavras:

P⁸: como funcionava a lavagem de roupa?

Cremilza: a gente ia pegar na casa da patroa, era uma vez por semana ou então duas vezes, ai pegava e lavava em um dia, depois gamova, para levar em outro dia, era assim.

P: o pagamento era por lavagem ou por mês?

Cremilza: não! Era assim, quatro lavagens era um mês. (...) uma vez por semana, e se fosse duas vezes era mais caro, pois dava oito vezes, era duas vezes por mês.

P: a senhora tinha [atendia] uma só família ou era várias?

Cremilza: eram várias! Eram quatro, cinco.

P: lavava roupas todos os dias ou tinha dias específicos durante a semana?

Cremilza: era assim seu lavasse na segunda e terça, iria gomar aquela roupa para poder entregar, aí se fosse pouca roupa tinha que lavar de mais duas casas, depois separava bacana, somente no período da noite quando os meninos chegassem e que estivesse toda gamada, de manhã eu ia levar e pegar mais de outra casa era assim [...] (Cremilza, 2016).

Durante esse processo de lavagem e entrega das roupas, a mesma me relatou que sempre contava com a ajuda de seus filhos,

Cremilza: (...) a gente subia e vinha, aqui no meu quintal sempre teve varal onde estendia tudinho e apregava. Os varal bem baixinho, por que eu ficava lavando e os meus meninos ficava carregando e estendendo

P: seus filhos lhe ajudava?

Cremilza: ajudavam! Eram homens mais me ajudava, tenho um que é fortão, mais ele buscava roupa já com 17 anos, ele trabalhou 8 anos na Leolar, tinha vez que antes dele ir para Leolar, ele já deixava roupa aqui de bicicleta rapidinho. (Cremilza, 2016).

Durante nossa conversa dona Cremilza nos informou que se separou de seu marido muito cedo, e por isso ficou com a responsabilidade de criar e educar seus filhos sozinha, ao relatar sobre isto foi possível observamos que a mesma ficou triste, pois ficou algum tempo em silencio e com um olhar diferente,

P: as lavagens de roupa era o suficiente pra manter a casa?

Cremilza: na época a gente tinha quatro, cinco lavagem aí dava para sobreviver, ainda tinha um pouquinho que o marido ajudava era assim, mais na realidade criei meus filhos só, pois depois me separei fiquei só!

P: a senhora ficou com a responsabilidade de criar os filhos sozinha?

Cremilza: é!

P: ele não lhe ajudava?

Cremilza: em nada! (momento de silencio) eu criei!

P: mais porque ele não lhe ajudava?

⁸A letra “P” significa pesquisador/a.

Cremilza: por que ele arranhou outra mulher e tinha muitos filhos [...](Cremilza, 64 anos, 2016).

E para conseguir sustentar a casa tinha que lavar bastante roupa, pois o preço cobrado nas lavagens era muito baixo, e para conseguir arrecadar mais dinheiro era necessário complementar com faxinas nas casas de famílias. Com isto percebemos em suas narrativas que sempre se dedicou quase que exclusivamente para o sustento de seus filhos, relatando que não tinha tempo brincar nas brincadeiras que existiam no bairro quando era mais nova. Porém, observei que em determinados momentos não participava por que de certa forma não a deixavam participar, principalmente por ser mulher e casada, as questões aqui apresentadas sobre as relações de gêneros observadas nos relatos das mulheres serão problematizadas no próximo capítulo. Ao ser questionada sobre a realização da brincadeira do Boi Bumbá no bairro e se a mesma participava, dona Cremilza nos afirmou o seguinte:

P: a senhora participou do boi?

Cremilza: não! Só ia para olhar mesmo

P: mais era porque a senhora não queria ou porque não podia?

Cremilza: podia ir não, nessa época tinha marido!

P: ele não gostava?

Cremilza: não! (Cremilza, 2016).

Após isto, perguntamos se tinha vontade de participar das brincadeiras, a mesma apresenta em seu discurso que não gostava, relata também que nunca dançou quadrilha, que achava lindo mais nunca teve vontade e principalmente que não tinha tempo, pois trabalhava muito, que as mulheres que participavam eram só as solteiras.

Em relação a comemoração do aniversário da cidade que acontece no bairro são as mulheres ficam responsáveis pela confecção do bolo, sendo dona Kelé uma delas, a prefeitura entra apenas com o material do bolo e da ornamentação do local, que antigamente era realizado na praça do bairro, porém recentemente passou a acontecer na orla em frente a casa de Ana Luiza.

P: como que funciona essa comemoração e essa preparação?

Cremilza: antigamente a dona Ana recebia todo material para fazer o bolo, café ai distribuía nas casas pra gente, tinha algumas pessoas aí nós preparava tudinho aí era aqui na praça aí depois estava uns dois anos que é lá no quintal da dona Ana ali, bota a tenda, duas tenda grande a gente arruma tudo lá, o povo da Casa da Cultura, do cine Marrocos vem arruma tudo, aí a gente vai ajudar a servir agora, esse ano mesmo só foi servir, já veio tudo arrumado, já veio tudo preparado, antigamente era a gente que fazia bolo. (Cremilza, 2016).

Dando continuidade sobre sua história é possível observar que a mesma participa do apostolado da oração da paróquia São Felix de Valois, a qual faz parte desse grupo a muito tempo. Este é um dos importantes meios de socialização que participa dentro do bairro, sendo

o grupo de apostolado de oração um dos espaços nos quais dona Cremilza constrói seus laços afetivos dentro e fora do bairro, como podemos observar nos relatos da colaboradora sobre o apostolado da oração:

O apostolado da oração é um grupo de muitas velhinhas, mais pode entrar qualquer tipo de pessoa, mais é aquela pessoa, o grupo ele é responsável pelas orações da igreja, tem os dias da reunião sendo todo primeiro domingo do mês, a gente vai fazer as reuniões, lá sou zelado, tem a minha zeladora é a pessoa que passa todas as informações do grupo para gente, ela se chama de zeladora. (Cremilza, 2016).

A mesma relatou sobre os encontrões do grupo de oração. Esses acontecem todos os anos e em lugares diferentes da diocese de Marabá, aonde todos os grupos das igrejas se encontram uma vez por ano em um local como, por exemplo, relata que no ano passado foi no ginásio Irmã Teodora na liberdade. Já em 2017 elas irão para Nova Ipixuna. A participação no apostolado da oração para esta senhora significou se sentir amada e afirma que está participando deste grupo representa uma mudança de vida.

Nesse sentido, é possível percebemos o quanto sua participação dentro da igreja e principalmente no apostolado da oração influenciou e ainda continua influenciando, o seu modo de vida, fato este visto quando nos disse que às vezes não participa de mais coisas dentro do bairro por ser muito envolvida com a igreja, como é no caso da consciência negra, que desde que começou a ser realizado só participou uma vez, isso por que geralmente está envolvida no festejo de São Felix de Valois, padroeiro da cidade. Portando, fica evidente que a participação das atividades da igreja é principal forma de sociabilidade para a entrevistada.

Outra moradora que contribuiu com a pesquisa foi Josefa Marques Neta, de 66 anos, com a qual foi realizada duas entrevistas sendo a primeira no dia 28 de Abril de 2015 e a segunda no dia 25 de fevereiro de 2017. Dona Josefa, natural do bairro, solteira, mãe de três filhos, avó, costureira, foi servente em escolas públicas por muito tempo, e hoje é aposentada rezadeira, sendo a única rezadeira do bairro.

Durante nossa conversa fez questão de ressaltar que mora na mesma casa desde quando nasceu, e reforça ser muito feliz por morar na casa que era de sua mãe, Maria Marques Furtado, conhecida por “Maria pretinha”, que também era rezadeira, umas das figuras mais importantes da história do bairro como será melhor detalhado posteriormente. Desde o nosso primeiro encontro sabíamos que ela iria contribuir bastante com a pesquisa, já que se trata de uma mulher negra, rezadeira, filha de uma mulher bastante conhecida dentro e fora do bairro e ainda por ser uma moradora antiga, tornando-se fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Durante o desenvolvimento deste trabalho a mesma demonstrou ser uma pessoa comunicativa e muito alegre; e sempre se demonstrou muito receptiva em nossos encontros. No decorrer de suas falas foi notável o quanto Josefa tinha o prazer de relatar sobre a sua infância, sendo esta uma das melhores fases de sua vida.

[...] sempre fui danada, minha irmã, muito danada! Não casasse encrenca comigo, pois não pegava nada de graça, pegava era taca mesmo! A gente muda, oh, tem gente agora que fica me olhando quem era essa daí antes? Mais mudou, gostava de brincar de tudo, de jogar bola, nos jogava bola (...) a minha infância foi boa, pois antes éramos todos unidos, as mocinha daqui foi crescendo todo junto, jogava, brincava muito, atrás onde tem esse colégio nos fizemos um campinho pra nos jogar o queima, era bom demais! (Josefa, 2017).

Josefa mostrou-se em seu relato como bastante atuante nas atividades culturais realizadas no bairro. Disse que sempre participava de todos os eventos que acontecia, como do Vespéral, um teatro que ocorria em frente a sua casa que deixou de existir após a morte da professora que o administrava. Gostava também de fugir com o namorado para assistir filmes no cinema que na época passava no Cine Marrocos, localizado na Velha Marabá.

No período de sua juventude, descreveu sua participação nos clubes que existia na época, como a Acrob e o Clube de Mães, dos quais foi sócia nesses lugares sempre se realizava os bailes da época, eram clubes de festas que se localizavam atrás do Hospital Materno Infantil (HMI). Lembra que nos dias de baile as pessoas tinham que ter uma roupa especial. As meninas usavam uma flor no cabelo, já os rapazes usavam uma fitinha ou algo para se diferenciar. Ao relembrar esses períodos de sua juventude, dona Josefa demonstrava prazer em tê-los vivenciado.

A mesma relata suas participações em algumas brincadeiras do local como o Rouxinol⁹, Boi Bumbá e o Drama. Em relação ao Rouxinol a colaboradora relata que foi a única mulher a brincar, pois essa brincadeira era apenas dos homens aonde as mulheres participavam apenas como plateia. Ou seja, para as regras da sociedade da época, Josefa quebrou paradigmas estabelecidos no contexto social vigente.

Já na brincadeira do Boi Bumbá, as mulheres tinham no início a função de confeccionar o figurino dos personagens. Com o passar do tempo, as mulheres puderam participar desta brincadeira.

Dando continuidade a conversa, a mesma relata como era a brincadeira do Drama realizada na escola pela professora no período de sua infância:

⁹Recentemente o N'umbuntu foi procurado por alguns moradores do bairro e está colaborando em uma pesquisa sobre as memórias do Rouxinol, pois os mesmos tem o interesse de resgatar essa brincadeira.

[...] a professora tirava várias meninas e meninos, depois escolhia um personagem para a gente representar. Nessa época era pequena, mais ainda lembro, uma vez fiz uma menina mimada, minha personagem abria a encenação, saía na frente com as perninhas de fora e pegava e puxava a roupa levantado a saia e dizia: "eu sou pequena das pernas grossas, vestido pequeno papai não gosta" depois soltava o pano, cumprimentava e saía para entrar as outras, fiz também um personagem de homem sabe, era um cangaceiro, me fantasiava de com cartucheiros por todos os lados, a roupa com manga comprida, chapéu igual lampião, minha irmã quando eu era menina, não era gente sabe, participava de tudo. (Josefa, 2017).

Em meio ao relato de lembranças das brincadeiras de sua juventude Zefinha nos revela um pouco de como era a sua participação no Rouxinol, onde fazia parte do grupo das pessoas que cantava no momento em que o cangaceiro matava o pássaro, chamando o Guarda Bosque para prender o caçador, o Guarda Bosque fazia o seguinte segundo Zefinha:

[...] ele tinha que entrar e chegar aonde estava o pássaro, com isso o cangaceiro dizia para ele "alerta meu guarda bosque lá vem, você presta atenção, vai buscar o Cangaceiro que mora lá no sertão" que era para ele ir atrás da Cangaceiro para prender o Caçador, porque o caçador tinha matado o rouxinol, nós cantava no rouxinol chamado o cangaceiro né, o cangaceiro ia atrás caçador, o cangaceiro chamava também o Guarda Bosque, depois vinha e anunciava o cangaceiro, que vinha e nós mandava ir a traz para prender o caçador, que tinha matado o nosso pássaro, era muita coisa no rouxinol, era desse jeito! (Josefa, 2017).

Josefa com sua narrativa sobre seu envolvimento nas brincadeiras do bairro mostra que estas foram importantes na história de sua vida, assim como seu trabalho nas escolas, que no início trabalhou na função de professora quando lecionou dentro do bairro durante dois anos, onde o ensino ainda era no mobral¹⁰. Segundo a mesma este sistema ensinava os idosos aprender a escrever o nome. Relata ainda que “eles ficavam muito felizes pois na época saber escrever era tudo”. Trabalhou também nas escolas José Mendonca Vergolino, Plínio Pinheiro e Judite Gomes Leitão estas localizadas na Velha Marabá, nas duas primeiras trabalhou como professora, já na última trabalhou durante 27 anos lotada na função de servente.

No entanto, disse que neste estabelecimento ficava na parte da secretária onde trabalhava no arquivo, tirando pasta de aluno, realizando transferências dos alunos. Trabalhou ainda na UEPA (Universidade Estadual do Pará) na função de servente durante três anos e hoje é aposentada por tempo de contribuição.

Em alguns contatos junto à dona Josefa, observei que a mesma sempre estava exercendo a prática da costura em sua casa. Atividade esta que aprendeu muito nova, como forma de complementar sua renda no final do mês. Hoje em dia costuma realizar apenas

¹⁰Segundo Menezes (2001) o Mobral conhecido por “Movimento Brasileiro de Alfabetização” foi um programa criado em 1970 pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. Este tinha como objetivo a alfabetização funcional de jovens e adultos, sendo extinto em 1985.

pequenos ajustes nas roupas dos vizinhos, mas apontou que antigamente tinha o hábito de costurar com mais frequência: “de primeiro costurava muito só depois que foi diminuído mais, a vista vai ficando ruim e agora eu já completo, só quando tem algum evento vem gente para fazer a roupa” (Josefa, 2015).

Outra função que dona Josefa exerce no bairro, desde muito cedo, é a de rezadeira, sendo a única a exercer essa função no bairro atualmente, o que a torna muito conhecida na localidade. Antigamente quem exercia essa prática, como mencionado anteriormente, era sua mãe, “Maria Pretinha”. Entretanto, Dona Zefinha foi a única filha de Maria Pretinha a dar continuidade a esta atividade, pois outra irmã chegou a conhecer e praticar um pouco, mas hoje não tem mais condições físicas para continuar, já que há alguns anos sofreu um derrame, ficando somente ela com a prática das rezas no bairro. Prática esta que vem de família que é passada de geração em geração, começou a ser ensinada pela mãe ainda quando era uma criança, descreve que gostava muito de jogar bola, porém sua mãe insistia que era necessário aprender enquanto estava cedo e mesmo em meio as brincadeiras de criança conseguiu aprender todas, sendo elas de reza de cobreiro, reza de quebranto, o peito aberto, reza de erisipela.

Durante o processo utiliza apenas a reza, somente quando a reza é para combater o Cobreiro que a mesma utiliza matos, sendo estes de qualquer tipo, pois acredita que para curar não precisa ter muitas coisas ou ser muito especial, é necessário apenas ser vivenciado e principalmente estar na presença de Deus. Sobre a reza de Cobreiro relata que;

É só uma oraçõzinha bem simples assim, a oração de cobreiro é assim, “eu venho de Roma de romaria rezando de cobreiro de cobraria, são palavras de terço da virgem Maria, cobreiro brabo eu ti corto a cabeça e a ponta do rabo” três vezes agente tem que rezar e corta os matinhos com a tesoura, nove folha de mato, nove folha sabe aí de cada um uma reza de três, aí agente corta três folha por cima do ferimento só isso, as vezes a gente reza só com a tesoura cortando, “reza Maria, Ave Maria, Santa Virgem Maria” (Josefa, 2015).

Em um determinado momento de nossa conversa dona Josefa nos falou que tinha pessoas que sabia fazer as rezas mais não praticava por ter vergonha e medo de sofrer preconceitos, alguns são chamados de “macumbeiros”, por isso nos informou que não se tem muito o costume de deixar essa prática para pessoas de fora do ciclo familiar.

Essa expressão utilizada por dona Josefa é comumente usada para se referir as pessoas pertencente as religiões de matriz africana sendo esse termo geralmente associado, em nossa sociedade à uma imagem pejorativa dessas religiões sendo estas ligadas no imaginário popular ao culto e práticas de coisas ruins. A fala da entrevistada revela, portanto, não

somente a discriminação no bairro em relação as atividades das rezadeiras como também das religiões de origem africana.

Relata ainda que sempre foi muito procurada por pessoas de outros lugares da cidade sendo convidada para rezar em pessoas internadas em clinicas e hospitais. A reza sempre lhe acompanhou durante sua vida, por causa da mãe, da igreja católica do bairro e de sua participação no apostolado da oração. Sendo o mesmo muito presente em seu cotidiano, participa sempre das reuniões e dos eventos e realiza visitas nas casas das pessoas do bairro.

Outra colaboradora que teve sua história de vida tomada como objeto foi Terezinha Maravilha Santis, senhora de 65 anos de idade. Professora, nasceu no bairro e mora na mesma casa desde que nasceu. É casada desde os 19 anos de idade, mãe e avó. Nossa entrevista foi realizada em sua casa, no dia 27 de fevereiro de 2017, a qual nos recebeu muito bem. Entre as pessoas que conheci em campo a mesma foi única que de certa forma já conhecia, pois ela trabalhou por muitos anos na escola do bairro que moro, porém, nunca havíamos conversado diretamente, fato este que por diversas vezes me deparei pensado durante nosso diálogo, até mesmo a entrevistada relatou que já havia me visto no bairro.

Logo no início da entrevistadona Terezinha relatou que é filha adotiva. Conta que sempre se preocupou em estar com os pais, pois era a única filha, nunca teve coragem de sair para outro lugar, ficando sempre juntos até quando morreram. Por isso, esperou mais tempo para se formar já que antes o curso que queria existia apenas em Belém, só mais tarde foi veio para Marabá, Terezinha apresenta em seu discurso um grande sentimento de gratidão por eles a terem acolhida como filha.

A mesma tinha desde criança o sonho de ser professora, relata que sempre gostou de estudar, por isso se formou em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), é pós-graduada em Gestão Escolar, seu primeiro trabalho como professora foi na Fundação Assistência aos Garimpeiros (FAG), na época localizada no bairro São Felix, depois trabalhou durante 16 anos na Escola Walquise Viana da Silveira, localizada no mesmo bairro. Hoje se encontra lotada na escola Plinio Pinheiro, localizada na velha Marabá. Em relação ao seu trabalho como professora nos fala o seguinte sobre está em sala de aula:

[...] gosto da sala de aula, até hoje estou porque gosto, não é por necessidade porque tenho um colega que é bem mais novo que, aliás tenho ex-alunas que estão se aposentando, [...] a sala de aula me motiva muito por causa justamente do que lhe disse, eu gosto de lidar com gente, não sei criar bicho, não sei plantar, sei não, mais agora da Rosa, da Margarida, gente sei lhe dar, com essas sei [...] (Terezinha, 2017).

Nesse sentido, pude observar que Terezinha continua na sala de aula por escolha própria, pois relatou algumas vezes durante o diálogo que já tem idade para se aposentar, mas

por gostar de lecionar pretende continuar trabalhando. Ultimamente está lotada na escola Plínio Pinheiro que de acordo com a mesma este ano será realizado a implementação do novo Ensino Médio, aprovado recentemente pelo governo, onde as aulas serão de tempo integral, dona Terezinha afirmou que faz questão de acompanhar esse processo para saber como vai ficar o ensino dos alunos.

Nossa entrevistada pode ser considerada uma das pessoas mais conhecidas dentro do bairro assim como Ana Luiza, pois foi uma das responsáveis pela criação da Associação de Moradores do bairro Francisco Coelho, isto lhe proporcionou mais interação dentro da comunidade. Quando criou a associação estava com 34 anos, no ano de 1986, foi presidente durante 12 anos por que não tinha quem assumisse, porém já faz algum tempo que não participa da mesma por motivos pessoais, ficando agora envolvida somente com a escola.

Quando ainda estávamos falando de sua participação na associação ela me relatou que um dos momentos mais felizes foi quando conseguiu realizar pela primeira vez eleições diretas para a direção da mesma. Segundo suas palavras: “tive a felicidade de promover eleições diretas, nessa eleição direta que nos fizemos para presidência da associação do bairro participaram umas 800 pessoas.” (Terezinha, 65 anos).

Outro ambiente muito frequentado por Dona Terezinha é a igreja católica do bairro, ela foi membro do apostolado da oração, mas com o tempo acabou se afastando, porém relatou o desejo de voltar a participar. É devota de São Lázaro e realiza a oração deste Santo todos os dias por causa de uma promessa de sua mãe que havia adoecido. Relata ainda que foi criada dentro dos festejos de São Lázaro, São Sebastião, Santos Rei e Senhora Sant’Ana, práticas essas que todas as entrevistadas se mostram envolvidas.

A partir dos relatos acima sobre a história de vida das colaboradoras foi possível observar alguns elementos comuns e diferentes entre elas. Os aspectos comuns foram: três nasceram no bairro, sendo que duas delas são filhas de mulheres que possuíam algum destaque dentro do bairro que iremos falar mais adiante; todas as entrevistadas participam da igreja católica do bairro, dos festejos e rezas promovidas pela igreja; em relação ao Apostolado da Oração somente duas não estão participando, mas manifestaram desejo de participar.

Já os elementos diferentes que foram observados estão relacionados às atividades econômicas, pois cada uma das colaboradoras ao longo da sua vida desempenharam profissões distintas: lavadora de roupas, costureira, professora e servidora pública. Outro elemento de destaque foi a prática de rezas exercida somente por dona Josefa.

2.3 Relatos sobre personagens importantes na história do bairro: Zenith, Maria Pretinha e Adélia

Nesta parte do capítulo serão apresentadas considerações sobre as personalidades de Zenith Rocha Ribeiro¹¹, Maria Marques Furtado¹² e dona Adélia sendo esta última conhecida por todos como a mulher que tinha um terecô no bairro. As narrativas sobre as mesmas da qual vamos discorrer são relatos de memórias de suas filhas¹³ e dona Delvira, outra colaboradora do estudo.

A partir das lembranças citadas será possível ir na contramão dos relatos apresentados no capítulo anterior e tentar compreender um pouco sobre a atuação de mulheres que residiram no bairro em período mais recuado no tempo, e que, assim como as colaboradoras citadas acima, tiveram importante papel na construção da história do bairro. Diante disto, faz-se necessário o uso da memória. Segundo Pollak (1980):

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimentos e fronteiras sociais entre coletividades de tamanho diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis (POLLAK, 1980, p.07).

Por esta pesquisa ter como intuito a constituição de memórias dessas mulheres e suas vivências no bairro “Cabelo Seco”, aonde passaram a maior parte de suas vidas torna-se relevante o uso da História oral como meio para corroborar com o estudo dessas memórias ou seja a constituição da memória. Como pode ser averiguado na fala de Josefa ao relembrar sobre o trabalho de sua mãe Maria Pretinha, este realizado para pessoas importantes no cenário político da cidade, “ela lavava roupa para essas pessoal chique ai, Nagib Mutran, Pedro Carneiro esses pessoal de antes num, daquele tempo, ela lavava roupa e ela era da irmandade, do apostolado da oração do Coração de Jesus.” (Josefa, 2017).

Silva (2006) ao relatar a homenagem realizada em 1984 pela prefeitura sobre a emancipação do município, mencionada anteriormente, nos mostra que as mulheres que foram homenageadas se trata justamente de duas das mulheres que aqui buscamos reconstruir

¹¹ Conhecida por Dona Zenir.

¹² Mais conhecida por “Maria Pretinha”.

¹³ Ana Luiza filha de Zenith e dona Josefa filha Maria Marques.

através da memória, sendo elas dona Zenith e dona Maria Pretinha como as figuras importantes para a cidade de Marabá, como é visível neste trecho:

Zenith da Rocha Ribeiro, 64 anos, paraense, nascida no povoado de Cateté, às margens do Itacaiúnas, na época da exploração da borracha. Muito católica e zeladora da Igreja de São Félix do Valois. Maria Marques Furtado (Maria Pretinha), já falecida no ano da reportagem, “foi a grande matriarca de várias famílias no bairro Cabelo Seco”. Dona Maria Pretinha é lembrada no bairro com a rezadeira e lavadeira de roupa no rio. “Ela rezava de arca caída, rezava de quebranto, rezava de cobreiro, menina, ela sabia de tudo quanto era reza!” (Raimunda Souza Costa, entrevista oral, 20/03/05 in: SILVA, 2006, p.65).

As entrevistas foram estudadas a partir das lembranças relatadas sobre Zenith, Maria Pretinha e Dona Adélia, mulheres negras do bairro, algumas sendo mais recorrentes que outras. Entre elas a dona Adélia foi a que obtive menos informações por se tratar de uma das pessoas mais antiga da localidade e além de ter menos vínculo com determinados setores da sociedade local.

Por se tratar de uma pessoa Afro-religiosa e possuir um centro espiritual, prática esta que a tornava uma pessoa menos aceita pela sociedade brasileira e conseqüentemente local, isto deixava dona Adélia à margem das classes marginalizadas da sociedade marabaense que contribuiu para adquirir menos informações. Como podemos averiguar nas palavras de Delvira:

eu não frequentava lá na Adélia não, nunca fui, só ouvia falar era um casarão, bate o tambor aí fazia coisas, fazia vidência, mas eu nunca fui não, meu marido foi e a primeira vez que ele foi ele ficou foi sem nenhum relógio que ele tinha comprado e ainda nem tinha terminado de pagar, roubaram tudo. (Delvira, 2017).

E ainda reforça:

“P: era muito movimentado lá?
ia! quem gostava de dançar terecô ia, mas eu nunca gostei (...) era o ritual daquela religião o despacho nas encruzilhadas” (Delvira, 82 anos, 2017).

Observa-se por meio dos relatos acima como dona Adélia era vítima de preconceito pelos moradores do bairro por causa de suas atividades religiosas. As poucas informações que consegui sobre ela se refere ao local de seu nascimento, na cidade de Codó no estado do Maranhão e sobre sua morte que, segundo dona Josefa, ocorreu em algum garimpo próximo a Marabá.

O Terecô, citada pela entrevistada, é uma religião afro-brasileira oriunda da região do município de Codó, no leste do estado do Maranhão. De acordo com Ahlert (2015), o Terecô tem origem banto com elementos de cultos jeje e nagô. Uma das características mais

marcantes desta religião é a presença dos encantados, que são “recebidos” por pessoas com vidência ou percepção extra-sensorial durante transe mediúnicos (AHLERT, 2015).

Em relação aos relatos sobre as senhoras Zenith e Maria Pretinha se tornaram possível sabermos um pouco a mais sobre elas, devido elas serem mães de duas colaboradoras da pesquisa, essas senhoras desempenhavam a função de lavar roupa para pessoas de dentro e fora do bairro, entre elas pessoas da elite de Marabá, eram zeladoras da Igreja católica do bairro e tinham forte ligação com a mesma.

Segundo Ana Luiza e outras colaboradoras dona Zenith era uma referência dentro e fora do bairro, sempre foi muito envolvida com a igreja, os festejos e rezas praticadas na localidade, além de estar disponível para ajudar a comunidade. Ana Luiza ao lembrar sobre sua mãe nos fala o seguinte:

“(...) a minha mãe era assim uma líder aqui no cabelo seco, eu acho que me espelhei na minha mãe, que ela ajudava assim tudo mundo, todo mundo que chegava a mamãe tava ali pronto pra ajudar e assim tinha o pessoal da universidade que quando tinha algum trabalho eles vinham aqui direto com a mamãe pra contar as histórias ai é assim” (ANA LUIZA, 2017)

A partir dessas palavras podemos perceber que dona Zenith assim como sua filha também era um elo entre o bairro e o restante da comunidade marabaence, pois sempre era solicitada para contribuir com seus relatos de memória sobre o bairro. Esta morreu aos 76 anos em consequência de um câncer no estomago em 1998.

Durante as narrativas das colaboradoras sobre dona Zenith e Maria Pretinha percebeu-se que as mesmas eram amigas e estavam sempre próximas. Maria Pretinha também foi bastante conhecida dentro e fora do bairro, fato este devido principalmente por exercer a função de rezadeira, por isso muitas pessoas de outros lugares vinham para que ela rezasse, esta faleceu há alguns anos com a idade avançada.

Desde o início desta pesquisa foi observado a ausência das mulheres negras em diversos trabalhos que discorrem sobre a história de Marabá e em especial na história do bairro “Cabelo Seco”, o que nos chamava atenção para o fato da ausência destas, devido a isto se fez importante destacarmos essas mulheres aqui apresentadas a partir das histórias de vida de algumas delas e ainda de outras personalidades que já não estão mais presente fisicamente, mas que continuam presente nas memórias das mulheres e do bairro.

CAPÍTULO III: ENTRE A ESTIGMATIZAÇÃO E A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

3.1. Sociabilidades entre mulheres negras no bairro “Cabelo seco”

Com o intuito de cumprir a tarefa desta pesquisa, a qual se trata de identificar as práticas e ações de sociabilidade das mulheres entrevistadas e observar as formas de estigmas que o bairro e as mulheres tem sofrido ao longo da história, fez-se necessário construir o roteiro de entrevista com perguntas abertas e semiestruturadas.

As perguntas abertas tiveram como pretensão conhecer quem são essas mulheres, como vivem na localidade e quais eram as formas de sociabilidades no bairro na época de juventude e nos dias atuais dentro do bairro. Já as semiestruturadas tiveram o intuito de perceber como essas veem o bairro, sua história, e a partir dela observar como o mesmo é marcado pelos estigmas relacionados a prostituição e violência.

Foram pesquisadas cinco mulheres do bairro, das quais identifiquei quatro como negras, sendo apenas dona Delvira não identificada como tal. Desta forma, faz-se necessário explicar o porquê da mesma ter sido selecionada para participar da pesquisa. Dona Delvira é uma das senhoras mais antigas do bairro. Além disso, sempre se mostrou disponível em colaborar com a pesquisa. Devido a estes aspectos, sua participação neste trabalho se tornou relevante para conhecermos um pouco mais da história do bairro “Cabelo Seco”.

A respeito das práticas de sociabilidades ocorridas no bairro e relatadas pelas colaboradoras, foram observados algumas brincadeiras locais de socialização em dois momentos, o primeiro relacionado a época de juventude das mulheres, aqui observado a partir de um recorte temporal, ressalta-se que as mulheres possuem idades próximas entre 60 a 65 anos e apenas uma de 82 anos, o que nos levou a perceber que algumas delas chegaram a compartilhar ou mesmo vivenciar as mesmas experiências na juventude. E o segundo momento este que corresponde as práticas e os locais mais atuais de sociabilidades realizadas no bairro que essas mulheres estão inseridas.

Em relação ao período da juventude, como apresentado no capítulo anterior, foi possível observar por meio dos relatos de memória das entrevistadas que as mesmas destacaram as brincadeiras do Rouxinol e Boi Bumbá, enfatizando em suas falas como importantes lembranças da juventude. É importante informar que no início as mulheres não participavam dessas brincadeiras e que somente com o passar dos anos algumas puderam

participar. As mulheres ainda destacaram suas participações nas rezas do bairro como importantes nas suas histórias de vidas.

O acesso a esses relatos sobre as socializações no período da juventude se tornou possível por meio da memória coletiva das colaboradoras, construídas ao longo de suas participações dentro do bairro, pois segundo os autores Mahfoud e Schmidt (1993) a memória coletiva seria “(...) o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns”. (p.291) que por isso foi possível observarmos como a sociabilidade durante o período da juventude se tornaram elementos importantes dentro do bairro.

Ao longo da pesquisa de campo e das conversas foi possível perceber algumas mudanças na questão da sociabilização dentro do bairro, por exemplo, as brincadeiras que eram frequentes no local já não ocorrem mais há muito tempo. Estas geralmente ocorriam na praça do bairro e na praça Duque de Caxias, localizada na Velha Marabá, tornando estes lugares importantes pontos de encontro entre elas. No entanto, hoje em dia esses lugares já não possuem grandes movimentações como antes, apesar de ainda serem considerados locais de encontro entre elas e o restante da comunidade, atualmente são ocupados principalmente por sujeitos mais jovens que a utilizam predominantemente para jogar bola.

Atualmente, um dos locais de encontro e socialização dos/as moradores/as e das participantes da pesquisa é o bar da Ana Luiza, uma das colaboradoras deste estudo. Ao longo do trabalho de campo foi possível perceber que algumas festividades que antes aconteciam na praça do bairro foram transferidas para este local, entre elas a comemoração do aniversário da cidade e a realização da Consciência Negra. Essa mudança se tornou possível principalmente porque o bar é localizado em frente a Orla de Marabá, este além de ser espaçoso e pelo fato de Ana Luiza ser vista como uma das lideranças da localidade.

Em relação às práticas de sociabilização do período da juventude que permaneceram ao longo do tempo, percebe-se que a questão da religiosidade foi um denominador em comum entre elas, embora tenha sofrido algumas mudanças ao longo do tempo ainda continua sendo um dos principais meios de sociabilidades entre elas e o bairro. Uma destas era festividade do Divino Espírito Santo que sempre acontecia no bairro.

Segundo dona Delvira nos informou, a realização desta festividade no bairro não ocorreu nos últimos dois anos, porém ela não soube nos responder o porquê que isto ocorreu. Contudo, tem um grupo que está buscando realizar esta festividade novamente em junho deste ano.

Outro importante espaço de socialização das mulheres no “Cabelo Seco” na faixa etária de 60 a 82 anos, se refere a participação na igreja católica do bairro, principalmente no apostolado da oração, pois quase todas participam e aquelas que não fazem parte, como dona Terezinha e Ana Luiza, manifestaram o desejo de participar.

3.2. Como as mulheres veem as questões de gênero dentro do bairro

Durante a realização do campo pode se perceber, por meio dos relatos de memória apresentados pelas mulheres, que nas brincadeiras como o Boi Bumbá, que eram realizadas dentro da localidade, não se permitia inicialmente a participação das mulheres, onde os papéis desempenhados por elas eram apenas de ajudante nos preparativos das roupas e como plateia, pois estas eram apenas para homens, mesmo quando os personagens eram femininos as mulheres não podiam participar, como se pode ser observado nas falas de dona Josefa quando perguntada como era a participação das mulheres na brincadeiras:

só era homem! até a Katirina nos trajava ela. Nós já estava mocinha nós trajava a katirina de mulher, que ela era a Katirina do boi, aí todo mundo pensava que era uma mulher mas não era, era um rapazinho, que nós trajava ele de, pintava ele, arrumava ele e saia rodando no meio do boi, era a katirina, aí um rapaz a gente escolhia pra ser Francisco, pai Francisco usava uma mascarazinha com aquela barbona era o marido da katirina [...] (Josefa, 2015).

Com isto foi possível percebermos que as mulheres eram excluídas do cenário principal para exercer papéis de subalternidade dentro das brincadeiras. Durante as entrevistas, pode-se perceber que determinadas brincadeiras eram consideradas impróprias para as meninas. Além disso, as mulheres estavam sujeitas ao controle exercido pelos maridos, pelos pais ou mesmo pelo medo de não serem mais vistas como “mulheres de respeito”, isto ficou evidente no relato de dona Cremilza que, ao ser questionada sobre a baixa participação feminina nas brincadeiras respondeu: “porque os homens não tinham proibição né, ninguém proibia, as mulher sempre tem marido, isso e aquilo, menino pra cuidar”. Portanto, na fala da entrevistada fica evidente as relações de gênero vigentes na época, em que a mulher estava em uma relação de submissão ao marido, além de ser atribuídas a elas todas as obrigações referentes ao lar.

Entretanto, assim como ocorreram na sociedade avanços no tocante a igualdade de gênero no século XX, algumas brincadeiras foram se modificando ao longo do tempo, aumentando a

participação das mulheres nas mesmas, como o boi bumbá que ainda realizado hoje e conta com a participação de homens e mulheres.

Entretanto, outras brincadeiras como o Rouxinol não é mais realizado, uma possível uma explicação seja o próprio caráter excludente desta brincadeira que não acompanhou as alterações nas relações de gênero. Durante as entrevistas, as mulheres destacaram que a dona Josefa foi a única mulher a conseguir fazer parte da brincadeira, quebrando assim padrões da época.

A partir do relato das entrevistadas ficou implícito que outras festividades e brincadeiras como as quadrilhas, apesar de não serem proibidas para as mulheres, eram consideradas impróprias para as mulheres casadas. Isto ficou mais evidente durante a entrevista de dona Cremilza que afirmou que gostava de ficar olhando a realização das brincadeiras, mas que não participou, por ser casada na época.

Outra entrevistada, Dona Terezinha, relatou que em muitas brincadeiras as mulheres casadas não participavam devido as suas “obrigações”, pois tinham que cuidar da casa, do marido e dos filhos, enquanto os homens ficavam apenas com o papel de o provedor do lar. Esta realidade se dá devido aos papéis sociais historicamente construídos dentro da sociedade patriarcal, onde os papéis designados as mulheres sempre foi subalternidade, como pode ser observado nas falas de Santana (2010):

(...) percebe-se que historicamente a sociedade contempla modelos de família em que homens e mulheres exercem diferentes papéis. Assim, por vários séculos, a mulher foi vista pelo viés masculino, ou seja, pela ótica e percepções do homem, visto que a mulher deve a ele obediência e respeito, pois é vista como “frágil e incapaz”, determinando assim, sua maneira de pensar, de ser e de agir, fazendo-a acreditar que é inferior a ele. (SANTANA, 2010, p.74).

As participações das mulheres na sociedade sempre foram marcadas por proibições e exclusões de muitos espaços sociais, sendo relegadas as mesmas unicamente o espaço do lar, realidade esta que acaba fazendo com muitos sonhos e desejos sejam deixados de lados, como foi o caso de dona Terezinha, que por muito tempo teve que adiar o sonho de ser professora, pois relatou que tinha vontade de sair de Marabá para estudar, mais de certa forma proibida por um tempo de realizá-lo, como podemos observar em suas palavras:

[...] olha talvez eu tivesse saído, porque a época que eu tive vontade de sair foi quando eu terminei o ginásio que eu não queria fazer o curso, queria fazer outros cursos, estudar fora, mais aí a minha mãe não deixou, ela dizia que já estava bom o ginásio, mulher já tá bom, esse era o pensamento dela, então e por ela como eu já tinha casado, já tinha uma filha [...] (Terezinha, 2017).

Segundo a mesma, essa realidade significaria quebrar os padrões da época e que isso era mais difícil para as mulheres, mais que hoje em dia as mulheres possuem mais liberdade que antes, já podem estudar, trabalhar fora e ser donas de suas vidas, apesar de que a desigualdade entre os gêneros ainda esteja presente na sociedade.

Apesar de todos esses relatos de como as relações de gênero se apresentavam na realidade das mulheres no bairro, foi possível também observar que essas mulheres se tornaram peças importantes na história do bairro. Duas delas criaram e educaram suas filhas sozinhas com a lavagem de roupas, constituindo-se protagonistas das vidas de suas famílias; as outras duas estavam envolvidas diretamente com a associação de moradores do bairro, sendo a responsável por criá-la foi dona Terezinha juntamente com um grupo de mulheres do bairro, a mesma fez questão de enfatizar que a associação foi criada no dia 08 de março, dia Internacional da Mulher.

3.3 Identidade negra e estigma a partir da perspectiva das mulheres

Durante o diálogo com as entrevistadas foi possível realizar alguns questionamentos acerca do bairro e sua história, assim como, a respeito da identidade étnico-racial das entrevistadas, bem como do próprio bairro. A partir da fala das entrevistadas a respeito das temáticas acima também foi possível perceber os estigmas associados ao negro e ao próprio bairro, como demonstra a fala a seguir:

P: A senhora se considera o quê?

Terezinha: oxe eu tô te falando que o homem só me chama de **negra do cabelo seco**, tinha que ser negra nem que quisesse nera? Negra com certeza, de origem.

P: O que lhe faz ser negra?

Terezinha: o cabelo, pele, pele escura, mais acaba como diz o outro morena, minha pele mais morena. (Terezinha, 2017, grifo meu).

A partir disto, outro questionamento foi em relação a percepção das colaboradoras sobre o bairro, se elas o consideravam um bairro de maioria negra, pois compreender como as mesmas o observam nos permite entender melhor suas relações como o mesmo. Sobre este tema, três das cinco entrevistadas, sendo elas Ana Luiza, dona Josefa e Terezinha responderam que o bairro é de maioria negra. Uma das moradoras, Dona Ana Luiza, ao afirmar que o mesmo seria de maioria negra fez referencia a si mesma mostrando sua pele e falando o seguinte *“é tem muita gente negra assim da nossa cor”*. Entretanto, outra

entrevistada, Dona Cremilza, acredita que, devido a chegada de novos moradores, atualmente o bairro não pode ser mais considerado majoritariamente negro:

Cremilza: Agora acho que não!

P: E antes quando a senhora chegou?

Cremilza: Talvez antes fosse mais agora tá misturado.

P: Qual é a maior diferença de quando a senhora chegou para hoje? Em relação as pessoas?

Cremilza: Quando eu cheguei as pessoas eram mais as mesmas família, mais assim que eu acho que não é só a maioria negra, ta entendendo, mais eu acho que tá dividido, talvez que quando foi fundado o bairro, [...] Talvez aquele núcleo havia mais a família negra né, mais aí foi crescendo [...] (Cremilza, 2016).

É importante destacar que, segundo a percepção de algumas colaboradoras, indígenas e negros fazem parte de uma única identidade étnica, como pode ser observado nas falas a seguir:

Josefa: E é! Vixiquase tudo povo daqui são de cor negra.

P: O quê que a senhora considera de cor negra?

Josefa: É um índio.

P: Porquê?

Josefa: Por causa da cor meu filho, tem muita diferença a cor branca, da cor morena, cor branca, agora os índios chamam branco, mas não é porque o branco pra eles é o cristão né? É só o único que é o branco o cristão, agora nós não, é diferenças de cores, de tradição, meu pai era moreno e minha mãe era morena, (...) a minha mãe era índia, índia mesmo, se vocês visse ela Ave Maria, meus netos saíram todo assim tudo caboquinho igual a minha mãe. (Josefa, 2017)

Como pode ser observado na citação acima, para a entrevista, a identidade negra está associada tanto a cor da pele, quanto também as tradições e a religião. Para Dona Josefa, pode ser considerado negro uma diversidade de indivíduos que não podem ser denominados brancos, seja por seu fenótipo, seja por sua religiosidade, ainda que, isto englobe identidades étnicas bastante diferentes entre si, como a indígena e a negra. Outro aspecto relevante é que a moradora também aponta o fato de indígenas e negros sofrerem processos de discriminação similares como uma forma de justificar a sua perspectiva de utilizar os termos indígenas e negros como sinônimos, como fica evidente na fala abaixo em que relata falas preconceituosas em relação aos indígenas:

porque a pessoa diferente... aquela indiazinha é do mato! claro que ela é do mato, da onde que vem o índio? né? Aquela negra veia ali parece uma índia do mato, é uma discriminação tão besta, por que é tudo uma coisa só. Porque um índio, é difícil ter um índio bem claro aí vai e se já se relacionou com uma branca da cidade, porque costuma índio casar com branco tambémné? (Josefa, 2017).

Apesar do que foi exposto acima em relação às entrevistadas se reconhecerem enquanto negras e ao mesmo tempo, em sua maioria, identificarem o bairro como predominantemente negro, as entrevistadas ressaltaram que percebem que a população do local não se consideram negros/as, mais que se veem como pardos, como pode ser visto na afirmação da moradora abaixo:

Terezinha: não o pessoal não se consideram negro não, perguntar para alguns ai eles vão dizer que são pardos, não querem ser negros não. Mais na minha opinião é! Aqui grande maioria eu acho que é de maioria, já de pela mais escura mesmo sabe. (Terezinha, 2017).

Essa divergência entre a forma como as entrevistadas percebem a si mesmas e ao bairro, e como os demais moradores se percebem, demonstra graus diferentes de conscientização da identidade negra, pois os indivíduos possuem realidades e experiências diferentes que levam a formas distintas de se perceber e perceber o outro, como destaca Munanga (2012):

Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados. (MUNANGA, 2012, p. 11).

Ainda nesse sentido de negação da população do local observadas nas falas de algumas das entrevistadas, em não gostar de ser reconhecido como negro/as pode ser relacionado também aos estigmas criados no país acerca da identidade negra desde o período escravocrata, fato identificado por algumas das moradoras. Os estigmas relacionados ao negro, como será detalhado no tópico a seguir, provocam sentimentos tanto de revolta, vergonha e mesmo de interiorização em relação ao outro, provocando uma negação da identidade negra.

3.4. Estigma racial, como as mulheres percebem a discriminação em relação às questões raciais.

Para compreender melhor os processos de estigmas relacionados ao negro e ao bairro identificados na fala das moradoras, convém fazer uma breve análise de conceitos como estereótipos e estigma.

Segundo Passador (2015), quando as diferenças são representadas de forma etnocêntrica, elas se tornam simplistas e tipificadas e acabamos por reduzir determinados grupos e pessoas a certas características que escolhemos e generalizamos para designar e atribuir valor a estes indivíduos. Estas representações constituem-se nos estereótipos que “nos permitem identificar e tipificar rapidamente categorias de pessoas e grupos, e estabelecer suas posições no jogo hierárquico das desigualdades” (PASSADOR, 2015, p.5).

Ainda segundo este autor os estereótipos promovem uma naturalização das diferenças gerando consensos sociais sobre categorias étnico-raciais, regionais, de gênero, entre outras. Para Passador (2015, p.5):

(...) as marcas estereotipadas que se concretizam em marcas corporais dão origem ao que denominamos estigmas. Os estigmas remetem a marcas que desvalorizam sujeitos e grupos que as portam, e estão associadas a características corporais, posições e/ou espaços que os sujeitos ocupam, e que são facilmente identificadas por seus pares, pois são objeto de codificação coletiva.

Passador (2015), ao analisar Goffman (1891), destaca que para esse autor, o estigma se refere a um atributo extremamente depreciativo e, ao mesmo tempo, “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso” (GOFFMAN, 1891 apud PASSADOR, 2015, p.6)

Historicamente, as características fenotípicas e atributos associados ao negro no Brasil foram sendo estereotipados e transformados em estigmas, seja por meio da depreciação de sua estética como algo desagradável e as suas tradições e religiosidades associados à ideia de primitiva e de não civilizado. Essa transformação das características fenotípicas da população negra com características negativas pode ser observada nas palavras de Oliveira (2000) acerca do processo de mestiçagem no Brasil:

A diversidade biológica, marcada pela mestiçagem, resulta da atribuição do significado social negativo ao fenótipo negro, independente de suas qualidades pessoais, atribuindo ao branco, à brancura, significados sociais positivos, independente das qualidades pessoais do branco. Ao mestiço resta a situação conflitante de não ser nem negro e nem branco, estando em processo de branqueamento, processo este que a maioria mestiça evita interromper e no qual um significativo número de negros tenta ingressar. (OLIVEIRA, 2000, p. 114)

Portanto, se reconhecer como negro pode significar se reconhecer portador de características negativas que causam constrangimentos. Isto pode ser um indício da razão pela

qual, certos moradores, segundo as entrevistadas, se sentem constrangidos ao serem identificados como negros e por isso escolham ser tratados como “morenos/as” em uma tentativa de embranquecimento como mostra a fala abaixo:

P: A senhora sabe se existe uma diferença entre um moreno e um negro? qual que é essa diferença?

Dona zefinha: não, acho que não tem diferença do moreno com o negro, pra porque muitas desses dizer assim acha que tá discriminando né?, Então a gente trata as pessoas de moreno(...) pra não, é pra pessoa não alimentar uma coisa falsa lá dentro dele.(...)porque a gente olha para as pessoas e nota a diferença, quando fala assim: esse negro, ele já olha com um olhar muito triste, muito magoado, as pessoas se magoa com o preconceito. (Josefa, 2017)

Algumas moradoras também apontam que a rejeição a identidade negra também se dá devido à história da escravidão negra no país, assim muitos moradores tentam se desvincular dessa imagem como mostra o relato feito por dona Terezinha:

“(...) devido essa questão de ligar negro a escravidão mesmo, né, de ligar a pessoa negra a história da escravidão. Por isso é, bem, acho interessante como isso é arraigado. Na escola, agora quando a gente vai fazer a matricula, a gente vai renovar a matricula do aluno na ficha, hoje pede, que antigamente não pedia, a cor da pele, hoje a ficha pede, você ta vendo que o cara tem a pela negra, nariz de negro, cabelo de negro, mais eles não querem. Não, é pardo! Meu registro diz que eu sou pardo.” (Terezinha, 2017)

Em outro momento, a entrevistada relatou que pessoas próximas e familiares, embora sejam negros demonstram autorejeição, bem como expõem uma aversão a pessoas com o mesmo fenótipo, considerando-as, inclusive, como indivíduos inapropriados para se relacionarem:

Terezinha: (...) minha filha está convivendo com um rapaz agora negro, ele disse que não gosta de negro, ele só se assumi como negro por que fala, toda vez falamos, que ele só vai namorar com de pele clara, eu tenho um sobrinho que ele disse quando vê ele agarrado com uma negra pode separar que é briga, só gosta de loura nem que seja oxigenada, ele quer tá é com uma mulher que seja branca e que tenha os cabelos claros na cabeça, ele fica irritadíssimo comigo, ‘te manca negro’, ‘ah não tia para com isso’ (...) (Terezinha, 2017)

Este relato evidencia como os sujeitos estigmatizados acabam, muitas vezes, por assimilar os pensamentos que levam a sua própria estigmatização como destaca Goffman (2008, p. 16 e 17):

O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos; isso é um fato central. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma "pessoa normal", um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima.

[...] Ademais, os padrões que ele incorporou da sociedade maior tornam-no intimamente suscetível ao que os outros vêem como seu defeito, levando-o

inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser: A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele.

Em decorrência do exposto acima percebemos que o próprio indivíduo estigmatizado acaba, muitas vezes, se tornando um agente reprodutor da estigmatização de outros sujeitos. Além disso, foi possível perceber em falas como a de Dona Terezinha, como a citada anteriormente, que a mulher negra sofre esse processo de estigmatização e rejeição com mais intensidade. Durante a entrevista a mesma relatou casos de amigas negras e “morenas” que foram “trocadas” por mulheres brancas.

Contudo, esse ciclo pode ser rompido e as próprias mulheres apontaram ações fatores que tem levado a uma maior conscientização da identidade negra. As políticas afirmativas como as cotas nas universidades foram apontadas por mulheres como Dona Terezinha como um fator que tem provocado um aumento do número de pessoas se reconhecendo como negras. Atividades como o evento “A consciência negra” que enaltecem a estética negra tem contribuído para a diminuição de estigmas, como demonstra a moradora Cremilza ao falara respeito desse evento:

Eu acho bom porque muitas pessoas aprendem mais as coisas, da primeira vez, eu ouvia dizer: Ah aquelas mulher do cabelo assanhado já chegaram, era assim, eles não sabiam, não tinha... aí quando a associação colocou as meninas para desfilar, aí foi que foi desenvolvendo mais a mente deles, mais era assim eles faziam aquelas tranças ai era aquela multidão de gente toda fazendo aquelas trança.(Cremilza, 2016).

Apesar deste aumento de conscientização relatado pelas moradoras, os processos de estigmatização ainda são muito presentes no bairro, sendo ele próprio um espaço estigmatizado como será exposto a seguir.

3.5 Francisco Coelho/“Cabelo Seco” um espaço estigmatizado

O primeiro indicador do bairro como um espaço estigmatizado se refere ao fato do bairro ser mais conhecido pelos moradores/as e agentes externos como “Cabelo Seco” e ao invés do seu nome oficial “Francisco Coelho”. Esta nesta indagação o objetivo era entender o porque isto ocorre na localidade, pois ao longo das pesquisas em trabalhos acadêmicos realizadas sobre o local e das observações in loco esta realidade me deixou bastante curiosa.

No entanto, para compreender esta realidade se fez necessário conhecer origem do nome pelo qual o bairro é popularmente conhecido. Nisto a maioria das repostas acerca do porque “Cabelo Seco” se apresentaram na mesma direção da fala de Ana Luiza:

[...] porque na realidade quando o Francisco Coelho que foi o fundador de Marabá, ele veio do Maranhão ele trouxe bastante pessoas negras e como tu sabe de todo início de cidade, aí no começo veio os famosos cabarés [...] quando o Francisco Coelho veio e trouxe aquelas mulheres lá do Maranhão que tinha o cabelo muitos ruinzinhoe ai se formou, tinham uns cabarés, eu não lembro porque não vi, mais minha mãe contava que tinha a ai quando tinha esses e como a riqueza de Marabá era a castanha ai o pessoal ia pegar castanha ai na volta perguntava fulano tu vai ficar onde? ha eu vou nas negras do cabelo seco, que era justamente que minha mãe contava então assim é um pouco isso [...] (Ana Luiza, 2017)

A partir disto, o relato e alguns dos trabalhos analisados anteriormente nos mostra que este nome se refere aos cabelos das mulheres negras que trabalhavam nos cabarés, sendo este um dos motivos pelo qual é conhecido por “Cabelo Seco”. Assim, podemos perceber que o nome “Cabelo Seco” está associado a um duplo estigma, primeiro relacionado ao estigma racial em que o cabelo do negro é visto de forma pejorativa e ridicularizado, do outro o estigma de um lugar vinculado à prostituição.

Sobre a origem do bairro, Ana Luiza e Terezinha relataram que conheceram a mesma porque seus pais haviam lhe contado, com isto foi possível perceber elementos da memória coletiva sobre bairro, que foram repassadas a partir de lembranças dos familiares e de pessoas mais velhas para as mesmas. Onde a junção dessas lembranças permite que se tornem segundo os autores Mahfoud e Schmidt (1993, p.291) “o conteúdo da memória coletiva.”, ou seja, a memória dessas mulheres e da maioria dos moradores/as a respeito da origem do bairro.

Porém nem todos/as os membros/as da comunidade compartilham as mesmas lembranças, como foi o caso de algumas das entrevistadas como a dona Kelé e dona Delvira, que disseram não saber dizer a origem e nem o porque desse nome, mas enfatizaram que todos tem o hábito de chamá-lo assim, como podemos observar nos relatos de dona Delvira a este respeito:

P: a senhora sabe o porque do nome do bairro é Cabelo Seco?

Delvira: ah isso aí não sei, nessa época eu não morava aqui não, é botam esse apelido não sei o porque mesmo

P: porque que a senhora acha que as pessoas lembram mais do nome Cabelo Seco do quê Francisco Coelho?

Delvira: é porque isso já vem de costume velho né? Já vem dos tempos antigos aí a pessoa se acostuma, dali do quartel pra cá todo era cabelo seco ai depois que botaram esse Francisco Coelho ai (...) (Delvira, 2017)

Diante desta fala pode se perceber que mesmo não sabendo de onde vem o nome “Cabelo Seco” a mesma relata que chamá-lo assim é um costume antigo e que é praticado por muitos moradores/as assim como pessoas de fora, esse costume seria uma prática relacionada com a memória coletiva criada a respeito do bairro.

Devido ao nome mais conhecido se referir ao fenótipo das mulheres negras, e principalmente ter sido formado na sua maioria pela população maranhense, vistos por muitos como uma população majoritariamente negra, muitos agentes externos tem a percepção do bairro como sendo o mais negro da cidade de Marabá. Cunha Junior e Ramos (2008), nos ajudam a compreender melhor estes espaços de maioria negra:

Nos territórios afrodescendentes, os espaços urbanos não constituem espaços aleatórios, indiferentes ou abstratos. São territórios urbanos produzidos socialmente, estando presentes através das histórias e memórias coletivas e vinculados a uma realidade concreta vivida cotidianamente, onde se é possível identificar o caráter simbólico dos espaços impregnados de afetos, sensações e lembranças. (CUNHA JUNIOR E RAMOS, 2008. p.81)

Entretanto, apesar do nome “Cabelo Seco” estar associado a uma memória coletiva foi possível encontrar entre as entrevistadas relatos que muitos dos habitantes do bairro não gostam de mencionar que moram no “Cabelo Seco”, mas sim no Francisco Coelho, o que nos permite perceber que nem todos gostam de fazer referencia a um pertencimento étnico-racial ou então devido a forma pejorativa de se referir ao cabelo das mulheres negras. Esta realidade pode ser observada nas palavras de Terezinha: “ah eu tenho visto pessoas aqui quer que chame Francisco Coelho não quer que chame Cabelo Seco de jeito nenhum, tem pessoas aqui "nam moro em Cabelo Seco não, moro no bairro Francisco Coelho"

A falade Dona Delvira, a seguir, corrobora a afirmação de Terezinha ao comentar que ao falar que é moradora do bairro, sempre tem pessoas que fazem comentários, a mesma reforça que agora o bairro é Francisco Coelho:

P: quando a senhora fala que é do Cabelo Seco alguém faz algum comentário?

Delvira: ainda faz

P: eles falam o quê?

Delvira: eles não falam nada não, ai eu falo que é conhecido como Cabelo Seco mais agora é Francisco Coelho, bairro Francisco Coelho [...] (Delvira, 2017)

Para além das questões relacionadas ao nome do bairro foi questionado para as entrevistas se elas já sofreram algum tipo de constrangimento por ser do bairro e como elas percebem a visão de pessoas “de fora” sobre o bairro, buscando assim entender como o bairro visto pelo restante da cidade, se é visto de forma preconceituosa ou algo neste sentido.

A primeira a ser questionada a este respeito foi Ana Luiza a qual nos respondeu que nunca passou por nem um tipo de constrangimento por falar que é do “Cabelo Seco”. Pelo contrário, faz questão de dizer que mora no bairro mostrando orgulho em suas palavras. Em relação a dona Ana foi possível perceber ao longo da pesquisa de campo a mesma se trata de uma pessoa intermediadora das pessoas de fora com o bairro.

Dona Cremilza, ao ser questionada nos conta que já teve dificuldades para conseguir condução no período da noite para chegar no bairro, pois muitos não querem ir segundo a mesma por causa da violência. Esta que já foi muito forte no bairro, realidade esta percebida ao longo das conversas realizadas com outros moradores/as durante a realização da pesquisa. Dona Cremilza nos relata um episódio que aconteceu com ela quando estava vindo do Maranhão:

Cremilza: Só uma vez quando vim do Maranhão, aí peguei um taxi de lotação né, fui lá na Coca-Cola, depois o rapaz foi levar uma pessoa na folha seis, depois ele saiu do carro ele morava lá, ele saiu do carro que tinha só eu pra vim pra cá, aí falei: ei vamos embora moço, nam eu fui lá em casa, aí eu falei eu não vou ficar aqui só não na folha seis, aí ele falou assim: a senhora mora aonde? eu disse no Cabelo Seco, ele disse é pior do quê aqui (ela começou rir) eu disse sim mais lá eu tenho costume, aqui não (risos) aqui eu venho qualquer hora [...] aí o cara me deixou lá de porta aberta, eu disse lá eu não tenho medo [...] (Cremilza, 2016)

A partir do exposto acima percebemos que outro estigma associado ao bairro é o da violência. Esta percepção do bairro como violento trata-se mais de uma visão externa do bairro não compartilhado por muitas moradoras que tentam romper este estigma, demonstrado aos sujeitos externos à comunidade que a violência no bairro, embora exista, é bem menor do que o imaginado. Isto fica evidente no relato seguinte:

Ana Luiza: mas tem também esse preconceito do pessoal, assim, do nosso bairro (...) é tanto que uma professora que veio dar um curso aqui na nossa associação, quando disseram que ela vinha dar esse curso aqui no Cabelo Seco, aí ela disse que ficou muito triste, ficou apavorada, ‘meu Deus como é que vou pra esse bairro tão violento?’ Aí quando ela chegou, eu recebi trouxe ela aqui em casa, mostrei a orla, mostrei toda comunidade depois foi pra escolinha fazer o curso e quando no término do curso ela viu que não era essa realidade, ela disse: ‘meu Deus, como é que o pessoal (...) faz a gente pensar uma coisa dessa né?’ E hoje ela é nossa amiga aqui e quando ela chega é aquela manifestação, aí quando ela vai embora leva peixe, leva, ela ficou amigona do bairro.

Outra moradora, Dona Terezinha, também relatou o medo que as pessoas tem do bairro, embora ela considere o mesmo um dos mais tranquilos da cidade. A moradora destacou ainda que os casos de violência e criminalidade existente no bairro poderiam ser solucionados por um acompanhamento das famílias e por políticas públicas que promovessem a inserção dos jovens na sociedade e no mercado de trabalho:

porque o que acontece as vezes de violência, (...) ela podia ter sido evitada pela família, ela podia ser evitada até pela associação se tivesse uma atuação mais junto a comunidade entendeu. (...) então tem uma história de violência nesse bairro que ela não tão real assim não, (...) tem um fundamento, não é violência pela violência simplesmente, (...) porque falta política pública para isso, o que falta que a associação olhe pra dentro do bairro pequeno e diga: ‘assim não gente vamos ver quem quer, o que nos podemos fazer pra canalizar isso pra tirar’, porque é difícil ver tantos jovens se perdendo por falta de oportunidade. Olha eles são trabalhadores esses meninos, os que eu conheço, malandro daqui, se der um trabalho, se tiver eles trabalham, aí só falta um acompanhamento, (...) e pode ter assim ... é complicado tem pessoas que nasce com uma índole bem ruim, mas não é regra não! é regra não (...)

É interessante ressaltar a necessidade da moradora em frisar que o caráter das pessoas, mesmo aquelas em situações de marginalidade, não é “naturalmente” ruim, que a violência, quando existe, é resultado do meio e não de uma característica pessoal do indivíduo. Nesta perspectiva, pode ser que esta associação do bairro, que é de maioria negra, a uma imagem violenta, esteja ligada ao próprio estigma do negro como um indivíduo predisposto a violência, pois como resalta Costa (2017, p.42):

A associação da violência, dentro da perspectiva dualista, ao estigma da cor de pele negra e a características fenotípicas tipicamente apresentadas pela negritude é uma forma de separar dois patamares da vida social. Essa separação induz a crer que exista uma identidade vinculada ao banditismo e à criminalidade e outra que se refere à normalidade e à ordem da pacificidade; faz com que se acredite, também, que há um maniqueísmo real determinante na constatação da potencialidade de um tipo de pessoa ter nascido para o bem e outro tipo de pessoa, cujo fenótipo é diferente das características elencadas como padrão, ter nascido predisposta à vida criminosa. Esses patamares são colocados quase como em uma escada evolutiva da vida social em que o bem é o almejado.

Assim, a estigmatização do negro repercute na estigmatização dos territórios ocupados por eles. Para Rolnik (2007) esse estigma foi sendo formulado a partir de um discurso etnocêntrico e de uma prática repressiva que levaram a identificação dos territórios ocupados por comunidades negras como espaços marginais e a todas as concepções negativas ligadas a esta percepção:

Para a cidade, território marginal é território perigosos, porque é daí, desse espaço definido por quem lá mora como desorganizado, promíscuo e imoral, que pode nascer uma força disruptora sem limite. Assim se institui uma espécie de *apartheid* velado que, se, por um lado, confina a comunidade à posição estigmatizada de marginal, por outro, nem reconhece a existência de seu território, espaço-quilombo singular. (Rolnik, 2007, p.89).

Portanto, o bairro “Cabelo Seco”, constitui-se um espaço estigmatizado, marginalizado, que fica evidente na forma que os agentes externos percebem o bairro, na negligência do poder público sobre este espaço, e na própria forma como os moradores se percebem. Assim, os moradores que se identificam como negros tem que lidar com dois

processos de estigmatização, o relacionado ao negro e ao do próprio bairro como espaço marginal.

Entretanto, apesar desta problemática, na fala das entrevistadas foi possível perceber o orgulho de pertencer e fazer parte da história do bairro. Pois este, embora seja marginalizado, também faz parte da história do município. Não se pode falar sobre a origem da cidade de Marabá sem falar também sobre o bairro Francisco Coelho/”Cabelo Seco” e isto é um fator importante para a comunidade. Mas principalmente é no bairro que as mulheres entrevistadas possuem relações mais estreitas. Há uma relação de afetividade com o local e sua história e dos moradores entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro Francisco Coelho se trata do primeiro núcleo populacional da cidade de Marabá, muitos autores que discorrem sobre sua origem onde ressalta os principais personagens que contribuíram na criação do mesmo, sendo eles somente figuras masculinas como sendo os protagonistas. No entanto, pelo bairro ser mais conhecido por “Cabelo Seco” este que faz referencia aos cabelos das mulheres negras, demonstrando assim as mulheres como elementos importantes neste processo de formação do bairro, porém as mesmas não foram encontradas nos livros como parte importante para a formação do bairro, fato este que nos chamou atenção para a elaboração deste trabalho.

A partir desta invisibilidade das mulheres negras na formação do bairro se fez necessário entender o porquê isto ocorre, já que entendemos que o estudo da mulher negra no “Cabelo Seco” é relevante, onde demonstrar como as mesmas são importantes para a formação e constituição do bairro. Para isto no trabalho de campo dentro no bairro foram escolhidas mulheres negras, onde a realização das histórias de vidas dessas perceber que se tratam de pessoas bastante conhecidas na comunidade, algumas desempenham funções sociais de destaques e seus protagonismos dentro do bairro e ainda perceber como era a sociabilidade entre elas e a comunidade.

Este trabalho me permitiu entender que as mesmas observam o bairro com um bairro de maioria negra. Entre elas foi possível perceber elementos de pertencimento a identidade negra. Também foi percebida a presença dos estigmas atrelados ao bairro (como perigoso) e ao próprio nome do bairro. Percebeu-se nas falas das entrevistadas que esses seriam alguns dos elementos que podem ser atrelados a falta de um sentimento maior de pertencimento uma identidade negra no bairro.

A realização da festividade da consciência negra é realizada no bairro há algum tempo. Entendemos que essas ações são de suma importância pra comunidade negra do bairro, tendo em vista que o que vem se discutido sobre as relações étnico-raciais está contribuindo para mudança de algumas pessoas acerca de sua negritude, como foi observado nas falas de algumas das entrevistadas. No entanto, é importante ressaltar que mesmo como a realização da mesma na localidade e sua importância, se faz necessário se intensificar essas atividades dentro do bairro, envolver mais os moradores em atividades que trabalhem como as questões étnico-raciais, na tentativa de se desconstruir essa visão negativa acerca do no nome do bairro e de seus moradores.

Este trabalho norteia novas ideias e se faz importante por contribuir visibilidade da importância das mulheres negras na formação do bairro Francisco Coelho/”Cabelo Seco”.

Por fim, devemos apontar a necessidade de maior aprofundamento em termos de pesquisa sobre esta temática, pois se faz necessário aprofundarmos nas discussões sobre as relações gênero dentro dos espaços urbanos, em cruzamento com as discussões étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth e CASTRO, Edna Maria Ramos de. **Mobilização política de comunidades negras rurais: domínio de um conhecimento praxiológico.** Cadernos NAEA. Belém, v. 2, n. 2, p. 73-106, 1999. In: SILVA, Idelma Santiago Da. Migração e Cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968-1988). Goiânia, 2006.

ALBERTÍ, Verena. **Fontes orais: Histórias da história** in: Fontes históricas. 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

AHLERT, Martina. **NO pé do meu tambor: Beleza, tendas e agências no terecô de Codó (Maranhão) in:** Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR Juiz de Fora, MG, 15 a 17 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1017/857>

BARROS, João Maria. **Batelões nos igarapés marabaenses.** In: JADÃO, Paulo Bosco Rodrigues. Marabá: A história de uma parte da Amazônia, da gente que nela vivia e da gente que a desbravou e dominou, fazendo-a emergir para a civilização. De 1892 até nossos dias atuais. 1984 (sem editora)

BRANDRÃO, José da Silva. **As origens de Marabá, (1590- 1913).** (n/d.) V:01. Minas Gerais: Ed: Chromo Arte.

COSTA, Ana Clara Gomes. **Sob suspeita: juventudes negras estigmatizadas à mira da violência policial.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

CUNHA JÚNIOR, Henrique e RAMOS, Maria Estela R. **Territórios de maioria afrodescendente: segregação urbana, cultura e produção da pobreza da população negra nas cidades Brasileiras.** In: Revista Desenvolvimento Social. Montes Claros – N° 2-Dez. 2008. Disponível em: http://www.rds.unimontes.br/index.php/desenv_social/article/viewFile/32/30. Acesso em 01/04/2013.

EMMI, Marília Ferreira. **A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais.** Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/NAIA/UFGPA, 1987. 196 p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** (S/D). Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>

GOFFMAN, Erving. **Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4 ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006. http://www.comfor.unifesp.br/wpcontent/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/mod1/Semana4.pdf. Acesso em: 09 de abril de 2015.

JADÃO, Paulo Bosco Rodrigues. **Marabá: A história de uma parte da Amazônia, da gente que nela vivia e da gente que a desbravou e dominou, fazendo-a emergir para a civilização. De 1892 até nossos dias atuais.** 1984 (sem editora)

LUIZ, Janailson Macêdo. **A pesquisa etnográfica e o exercício de *tradução* do outro.** (NO PRELO).

MAHFOUD, Miguel e SCHMIDT, Maria Luisa Sandolval. **Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência.** Psicologia USP, São Paulo, 4(1/2), p. 285-198, 1993. Disponível em : <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf>

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, família** / José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro. – São Paulo: Contexto, 2011.

MENEZES, Ebenezer Takunode; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização).** Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>. Acesso em: 17 de abr. 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra.** 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Negritude: usos e sentidos.** – 3 ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012. – (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MUTRAN FILHO, Aziz. Marabá: **De Carlos Gomes Leitão a Geraldo Mendes de Castro Veloso.** Marabá-PA, 2000.

OLIVEIRA, Eric de Belém. **Cabelo Seco: no encontro dos rios, encontros de memórias.** Marabá/PA, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais).

OLIVEIRA, Iolanda de. Relações Raciais e Educação: recolocando o problema. In: LIMA, Ivan Costa; SILVEIRA, Sônia, M. (Org.). **Negros, Território e Educação.** Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. 2º ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp. 2006.

PASSADOR, Luiz Henrique. **Etnocentrismo, estereótipo e preconceito.** In: COMFOR. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2015. Disponível em:

PATERNOSTRO, Júlio. **Viagem ao Tocantins.** 2ª ed. Editora Grafisa – Belém- PA. 1983.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3. p.3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf

PROJETO Nova Cartografia Social da Amazônia. Série Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia. Fascículo 20. Bairro do Cabelo Seco- Marabá/PA, novembro de 2007. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com/?wpdmact=process&did=ODAuG90bGluaw>. Acessado em 07 de Abril de 2014.

RODRIGUES, Valdir da Cruz. **Definições de cor e relações raciais em Marabá/PA: O bairro do “Cabelo Seco”**. Marabá/PA, 2005.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro**. In: SANTOS, Renato E. Diversidade, espaço e relações étnico-raciais. O negro na geografia do Brasil. BH: autêntica, 2007

SANSONE, Livio. **Negritude sem Etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil**. Salvador: Edufba; Pallas, 2007.

SANTANA, Anabela Maurício de. **Mulher mantenedora/homem chefe de família: uma questão de gênero e poder**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8. jul-dez de 2010. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1781>

SANTOS, Marcio A. **Negritudes posicionadas: As muitas formas da identidade negra no Brasil**. Perspectiva Sociológica, Rio de Janeiro, v. 3, p. 12-18, 2011. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/UAs/se/departamentos/sociologia/pespectiva_sociologica/Numero4/Artigos/marcio_andre.pdf

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: A escrita da história: novas perspectivas/ Peter Burke (org.)– São Paulo: editora UNESP, 1992.

SEEGER, Anthony. **Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras**. – Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SILVA, Idelma Santiago da. **Migração e Cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)**. Goiânia, 2006.

Fontes orais

ANA LUIZA Rocha da Silva. Entrevista Oral [gravada] realizada por Juliana Barbosa Sindeaux. Marabá – Pará, 27 de fevereiro de 2017. 50min.

CREMILZA Corrêa da Silva, Entrevista Oral [gravada] realizada por Juliana Barbosa Sindeaux. Marabá – Pará, 21 de Março de 2016. 56min.

JOSEFA Marques Neta. Entrevista Oral [gravada] realizada por Juliana Barbosa Sindeaux. Marabá – Pará, 27 de Fevereiro de 2017. 1h30min.

TEREZINHA Maravilha Santis. Entrevista Oral [gravada] realizada por Juliana Barbosa Sindeaux. Marabá – Pará, 27 de Fevereiro de 2017. 1h50min.

DELVIRA Araújo da Silva. Entrevista Oral [gravada] realizada por Juliana Barbosa Sindeaux. Marabá – Pará, 27 de Fevereiro de 2017. 1h30min.

Sites pesquisados:

Fundação Casa da Cultura de Marabá:
<http://www.casadaculturademaraba.com.br/institucional.php>